

Unesp – Universidade Estadual Paulista Júlio de
Mesquita Filho
Faac – Faculdade de Arquitetura, Artes e
Comunicação

Livro Reportagem

Mulheres dessa terra

Entregue em 13/11/2009 por: Patrícia Bellini
Carolina Bataier
Ana Carolina Okubo
Orientador: Maximiliano Martin Vicente
Jornalismo Noturno

Bauru 2009

Agradecimentos:

Maximiliano Martin Vicente
Cristiano Zanardi
Theodoro Brodini de Melo
Turma 2006 de Jornalismo Unesp
Universidade Estadual Paulista
Amigos e familiares

Sumário

Prefácio	5
As mulheres dessa terra	7
Os dias de Glória de Maria Minelvina	11
	17
	22
	28
	32
	38
	45
Onde descansa a mãe dos santos	32
Uma vida em muitas outras	38
A garota de sonhos urbanos	45

Prefácio

Tudo que ouvimos sobre o Movimento dos Sem Terras tem ar duvidoso. No meio acadêmico, quando tomamos maior contato com a história da política nacional e dos movimentos sociais, passamos a questionar o valor do que é exibido pela grande mídia. Por grande mídia, entendemos os jornais, telejornais e revistas mais conhecidos pela população.

A idéia inicial deste livro partiu de um questionamento acadêmico: até que ponto podemos confiar no que lemos e ouvimos? Até que ponto as mídias populares podem interferir na formação ideológica de uma população?

Decidimos conhecer de perto o universo das pessoas que víamos retratadas nestas mídias. Buscamos conhecer a história do movimento social mais antigo do país.

No ano de 2009, o MST completa 25 anos de luta pela reforma agrária. A distribuição de terras não é a única bandeira levantada pelo movimento. Faz parte da luta o fim a violência sexistas, a possibilidade de acesso à cultura e saúde para todos e a democratização da comunicação.

Do mesmo modo como buscamos averiguar a função dos meios de comunicação de massa na formação da identidade do MST diante da população, buscamos também analisar a intenção dos que participam deste movimento.

Como estudantes de jornalismo, nossa idéia inicial era conhecer de perto um grupo que é alvo de preconceito por parte da sociedade e de idolatria por outra parte.

Ao adentrar no mundo dos assentados e acampados, nos deparamos com histórias de pessoas vindas da cidade, trabalhadores, desempregados, pais de família.

- Gente ruim tem em todo lugar. Aqui tem sim, mas lá fora tem também. - foi o que nos disse uma mulher em nossa primeira visita a um assentamento.

Com maior aproximação, pudemos notar que grande parte das atividades desenvolvidas nas terras vêm dos braços femininos. Mulheres plantam, colhem, cuidam da casa, dos filhos e dos maridos. Algumas lutam quando há reivindicação, outras se opõem a qualquer forma de violência. Todas fazem parte do Movimento dos Sem Terra, todas receberam ou esperam receber do INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – 5 ou 10 alqueires para plantar e tirar dali seu sustento.

O assentamento localizado na zona rural de Pederneiras foi o mais visitado e foi ali que encontramos as personagens de nossas histórias. A terra está ocupada há 5 anos. Cada família – ali existem aproximadamente 200 – recebe 5 alqueires. Estas pessoas plantam e muitas delas já ergueram suas casas com tijolos e cimentos também fornecidos pelo Instituto. Há ainda cerca de 100 famílias que não receberam as terras e por isso vivem em barracas feitas de lona. A escritura da terra fica sempre no nome da mulher. Um homem só pode receber a escritura se morar sozinho na terra. Neste caso, têm direito a 2,5 alqueires.

A terra é atualmente ocupada por eucaliptos, que prejudicam o solo, deixando-o pobre para a plantação. Como o assentamento encontra-se em fase inicial, poucas famílias conseguem tirar todo o sustento da terra. É preciso cuidar do solo para depois plantar, esperar a colheita e então vender. A solução encontrada – e legalizada pelo INCRA – é vender os eucaliptos que ocupam a terra. Em muitos sítios, há fornos de queima de madeira. O carvão é fonte de renda do local.

Em todos os sítios, há animais domésticos. Em muitos deles, há hortas. Em poucos, há plantações desenvolvidas. Em quase todos – excetuando-se 3 ou 4 – há mulheres que cuidam da terra, constroem suas casa, cuidam dos filhos e organizam a vida e a rotina do assentamento.

As mulheres dessa terra

A terra moldava as impressões sobre aquele lugar. Tudo tinha sua cor e cheiro, e uma certa rudeza que a terra dá aos homens. As mulheres que estavam ali buscavam por um pedaço do que pudessem chamar de seu. Realizações feitas de poeira, que o vento ia levando sem que nem mesmo se dessem conta. Todos os dias acordam por um espaço de terra, no lugar aonde algumas vezes nem chegam a dizer que moram, mas sim, que estão assentadas. Vão às lavouras colher os frutos, cuidar dos filhos, criar galinhas, ordenhar vacas; coisas que fazem mulheres normais - quem ousaria dizer que não são?.

Na fantasia de entrevistador que se apaixona pelas histórias que conta, olhávamos para elas com o respeito que se têm pelo que surpreende. O entusiasmo não se deu exatamente pelo que víamos ao acompanhar suas rotinas de trabalho duro - muitas vezes duro demais para uma mulher, pela óbvia questão da força, mas que driblavam muito bem. Tornavam-se especiais pelo que trouxe cada uma para essa terra. Vindas de longe, de reinos distantes, as princesas dessa história não tinham mais o que esperar nas suas janelas, e por isso se encontraram aqui.

Mesmo depois de anos abrigando aquelas famílias, com as terras já legalmente em seus nomes, o lugar ainda será o assentamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Apesar de muitas famílias não concordarem com as invasões e terem adquirido a terra de outras maneiras – como inscrições com o INCRA – a identidade de cada um tem traços muito fortes dessa luta. São assentados. Para os que passam por ali, ou como ponto de referencia, é o assentamento. Traço forte da construção da nova vida de cada um, o fato de as terras terem sido doadas interfere na maneira como enxergam seus quintais.

Uma fazenda grande dividida entre vários vizinhos, cada um com seu espaço para plantar, criar, cuidar. Nos cantos da estrada asfaltada, movimentada por carros e caminhões, os eucaliptos grandes, já quase velhos, mostram onde atravessar a cerca e encontrar as casas, espalhadas pelas diferentes entradas no meio do mato.

Pessoas nada parecidas, de culturas e lugares distantes, colocadas em um mesmo lugar. O abismo entre cada história é a cerca que separa as fazendas e as plantações. Em comum, a marginalização que sofreram e o fato de não terem onde plantar (aquilo que sabem fazer de melhor) ou, simplesmente, onde viver.

O bucolismo inspirado pela paisagem rural não combina com a maioria dos moradores. Mesmo os mais envolvidos com a vida no sítio estão entrelaçados com histórias muito difíceis passadas na cidade. A ingenuidade e simplicidade que

esperamos do homem típico do campo não mora por ali. Talvez porque, mesmo agora podendo assistir a tranqüilidade do dia passar por suas lavouras, lembrem-se bem do que foi preciso passar antes de estar ali.

Antes de ser um “assentado” – o nome que assumiram para si ou para outros – todos os moradores foram “acampados”. A fase onde cada família monta uma barraca de lona preta, em um lugar que ainda não é de ninguém, cava buracos no chão que usam como fossa e banheiro, e esperam. Os pais que podem, poupam os filhos dessa fase deixando-os com alguma família amiga. É a prova pela qual têm que passar antes de receber, quem sabe, uma parte da terra. No caso das histórias daqui, conseguiram.

Em 2006, o Instituto de Colonização e Reforma Agrária, INCRA, oficializou as medições de cada lote, e as famílias tiveram as sensações de estar em casa. As terras foram dadas para as mulheres: mães dos filhos, donas das mãos que cultivam, responsáveis pelos maridos e caminhos que dali para frente serão traçados. Caso haja um problema e o casal não possa continuar junto, a maioria dos casos aponta que os filhos ficam com as mães, motivo pelo qual, por lei, o Instituto entrega as terras para a mulher.

As personagens desse livro possibilitam contar a história das pessoas do assentamento através das histórias das mulheres. Aquelas que administram uma família, filhos e casamento, em um espaço onde nem sempre existe uma casa ou energia elétrica. Entrevistar apenas mulheres foi ver a situação local, assim como a família, através dos olhos delas.

Quando o Movimento dos Sem Terra precisa fazer uma manifestação pública, por segurança e respeito, colocam as mulheres na linha de frente. Ninguém poderia atirar algo ou ser violento com essas pessoas tão frágeis. A mesma fragilidade que encontramos como porta voz de uma luta inteira por dignidade, fazendo força para plantar nos dias de sol e cuidando de maridos doentes.

Quando falamos de luta por dignidade ou por terra não nos referimos, por mera opção de não referir, às ações sociais do MST. Focalizamos a atenção desse livro nas lutas e histórias das mulheres que estão agrupadas nesse mesmo pedaço de chão. Muitas delas não têm nem mesmo a dimensão do que significa esse movimento de protesto social, ou das razões políticas para uma terra ser ou não doada. A maioria busca, acima de tudo, seu espaço.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra completou 25 anos de luta social em 2009. A reivindicação de reforma agrária e distribuição das terras

improdutivas no país geram, no contexto atual, diversificadas opiniões na sociedade. Independente de cada uma delas, o grupo é um dos raros e mais importantes protestos provenientes do povo nos últimos anos. Para edificar suas manifestações e eventuais ocupações os líderes do movimento mobilizam certa quantidade de pessoas, muitas das quais participam porque não têm nenhum outro lugar onde queiram ou possam estar.

Nesse assentamento na cidade de Pederneiras, um dos muitos espalhados pelo Brasil, vivem mais de 200 famílias. As crianças que precisam ir à escola acordam muito cedo para alcançar os ônibus na estrada. Muitas delas já trazem os traços do que viveram com os pais antes dali, são diferentes entre si e pouco ousam se relacionar. O contato entre os vizinhos é muito raso, com poucos comentários e conhecimentos. Um centro de convivência vai se edificando no meio do grande terreno que todos dividiram. Ali, os sonhos de uma padaria, festinhas infantis, vendinhas que dispensem as idas exaustivas à cidade. Por enquanto, a maioria ainda não existe de fato.

Cada uma das casas tem muito em comum: a simplicidade que exigiu o pouco dinheiro, quase toda a construção manuseada pelos próprios moradores, paredes de madeira e pedaços de plástico. Da mesma forma, cada uma tem, com o mínimo que pôde, a maneira de sua dona. Nessas casas fomos recebidos com as mais detalhadas regras da educação. As entrevistas vinham em vozes que conheciam muito bem os nossos motivos de estar ali. Todas, umas menos e outras mais, sabiam, de alguma forma, a beleza de sua história.

O Brasil tem cerca de 3 milhões de mulheres a mais que homens. A produtividade delas no mercado de trabalho e sua atuação de sucesso são cada vez mais inegáveis. Encontramos na televisão e jornais, diariamente, publicidades mostrando como aliar trabalho, filhos, beleza, sexo e casamento. Qual seria a diferença da mulher bem sucedida e bonita da televisão para as mulheres que conhecemos no assentamento? Como poderiam nos ensinar a plantar, colher, caminhar quilômetros à pé e ainda ser bonita e boa mãe? Escolhemos as mulheres pela capacidade demonstrada de instituir valores morais e uma família mesmo nas condições mais adversas que a sociedade pode outorgar a alguém.

O assentamento é um mosaico de pessoas, que forma uma imagem bonita e um tanto disforme. A maneira como aquelas pessoas vão se ajustar em um futuro próximo não deixa de ser uma curiosidade. Apesar de falarem pouco do passado e

preferir viver só o que existe ali, são marcados. Trata-se de uma comunidade em construção, feita de pessoas que sofreram um grave deslocamento cultural.

Encontros e desencontros

Tudo parecia disforme e de uma só coloração na primeira pisada sob aquelas terras afastadas. Apesar de caminhos demarcados por constantes passageiros, a impressão era de que os lugares não tinham saída e abrigavam destinos perigosos.

O chão formado a partir da mistura de terra e barro, resultado de uma chuva ocorrida há poucos dias, não assegurava consistência. Os primeiros passos pareciam curtos e demorados. Pelo percurso, diferentes tamanhos de troncos de árvores formavam obstáculos.

Quanto mais se adentrava na aventura, menor era o som do barulho dos carros na estrada e quase imperceptível o arame farpado que protegia o assentamento. Prevalcia o cheiro de floresta molhada.

O silêncio foi quebrado momentaneamente por latidos de cachorros que corriam vigorosamente em um terreno amplo e aconchegante. A casa ficava um nível abaixo de nosso caminho e formava uma ilustração grandiosa.

Um terreno abrigava uma casa no canto e uma vasta plantação no outro. A porta pequena de entrada transmitia a idéia de boas vindas. Maria José precisou de esforço para receber suas visitantes.

Em direção a estrada a área ficava mais aberta e os ruídos de insetos mais constantes. Uma caminhada longa e com algumas curvas indicavam mais um lar. Algumas folhagens coloriam o marrom do chão e cobriam as poças de água e lama concentradas em grandes espaços.

Poucos centímetros no final da curva possibilitavam a visão de uma contradição: uma plantação enfileirada contra um amontoado de objetos desorganizados que cercavam a construção feita por tábuas de madeira. A descida era acentuada e longa.

Logo se percebia que o espaço era ocupado por outras construções. Um forno a lenha, uma tenda que fazia carvão, o canto dos porcos e o canteiro de flores. Algumas paredes de madeira ameaçavam a finalização de outra casa. Geni e Irene improvisavam cadeiras de plástico em um dos poucos espaços em que o chão era cimentado.

Os varais estendidos de uma ponta a outra em pregos mal colocados davam a dimensão da residência. Nada era reto onde se pisava e o sol entrava com mais intensidade devido às poucas sombras.

O amontoado de objetos deixava o olhar perdido. É como se bicicleta, cadeira, vassoura, máquina elétrica, flores e porcos brigassem por um espaço de destaque.

Como se não fosse o bastante, a família daquela casa decidiu construir uma estufa para potencializar o crescimento das verduras. Erguida sem planejamento, a proteção se estreitava próximo a uma caixa d'água suspensa por um conjunto de pedaços de madeira cruzados entre si.

Havia um certo ar de graça naquele lote. O frescor ocupava as instalações de piso e paredes claras e formava um conjunto harmônico com as tábuas de madeira que cercavam a casa.

Mais uma longa caminhada explicava a dificuldade de contato entre os loteamentos. O cheiro de fruta podre chamava mais a atenção do que o grande porte dos animais de fazenda. Ao fundo, uma casinha de aspecto frágil e pouca luz. Para se chegar a ela, é preciso atravessar um terreno coberto por grandes troncos de árvores e se precaver com a possível aparição de animais peçonhentos.

De imediato se percebe um forno na varanda do abrigo. Sempre acesso com comida quase pronta faz lembrar a maternidade.

As folhagens verdes escuras apontam a casa de Suely. Pequena e muito alegre quando se vê os pintinhos unidos passeando pelos cômodos como se fossem seus. E o galo que insistia em checar o que a senhora estava preparando.

Na lateral da construção, um menino se diverte em um balanço feito com um pneu e cordas amarradas. O brinquedo é grande, mas não impede que a criança atinja os pés no chão enquanto se pendura.

Os olhos do garoto se dirigiam a um caminho estreito rodeado por longos eucaliptos. Talvez sem o seu direcionamento, esse acesso ficasse invisível.

Seguindo por cerca de vinte minutos, não havia barulho, nem sinal de habitação. Um carro vermelho passava com dificuldade entre a estrada com laterais disformes.

Com um pouco mais de persistência chegava-se em uma atmosfera moldada por sorrisos inesperados aos visitantes. A jovem Janaina passa pela entrada coberta de buracos com facilidade. Ela ameaça escorregar em uma descida, porém cria molejo para se reerguer.

Maria Minelvina anda pelo lote com agilidade e não se incomoda de ter os pés sujos de terra molhada. Vacas, bodes, cabras e um burro ocupam o seu devido lugar e recebem nomes próprios. Antes da porta principal, passamos por eles que parecem nos recepcionar.

As plantas não recebem uma área grande como nas outras casas. Mas a produção é suficiente para o sustento da família de três filhos. Os troncos finos e compridos dos eucaliptos predominam na vista da janela de um dos quartos.

O loteamento não era de grande extensão. A organização em que animais e as plantas se alocavam favorecia a idéia de uma maior dimensão.

Os posteriores retornos ao assentamento encurtaram os caminhos e modificaram as paisagens. Cada metro passou a possuir características cada vez mais nítidas e pessoais. Já não nos aventurávamos em uma floresta desconhecida porque havíamos encontrado muitos tesouros que nos instigavam a novas visitas.

Culto

A distância entre os loteamentos traz como benefício o sossego, mas dificulta o contato entre os vizinhos. Caminhar por alguns conjuntos de minutos adiava as visitas entre eles. A fé foi a maneira encontrada de reunir a comunidade através de cultos semanais.

No dia do culto, dona Geni coloca seu relógio de pulseira marrom. As tardes de domingo significam o lazer mais importante para algumas mulheres do movimento. A preparação de Geni dura cerca de vinte minutos. Um coque bem preso, camisa branca com bordas alaranjadas no pescoço e nas mangas, um saiote cinza até o joelho e o seu inseparável óculos de armação grossa de mesma cor do relógio.

O nome grande Congregação Cristã Brasil, o culto de Evangelização nas Casas, contrapunha-se com o tamanho do lugar. Era a vez de Maria José ceder sua casa.

- Fiquem a vontade. Vocês querem alguma coisa? Senta aqui. Deixa que eu peço um copo de água, constantemente dizia.

O espaço improvisado contava com armações de madeira roliça no teto e nas paredes e pareciam mais alegres com os panos coloridos. Havia camas no fundo, e, separados por uma cortina, os sofás e cadeiras eram usados para que todos se acomodassem. Um pequeno botijão de gás, do tamanho da palma de uma mão, estava pendurado no teto junto a uma lâmpada. Mulheres e homens se separam antes do culto. Elas são maioria, treze, contrapondo os nove homens, e mais três crianças.

O horário de início não foi tão religioso. O relógio quadrado revela ser 15h15, quinze minutos mais tarde que o previsto.

Enquanto o grupo de homens engravatados e com instrumentos musicais entravam, as mulheres colocavam seus véus brancos. O tecido é entornado com bordados que se assemelham a flores e o comprimento atinge até próximo a cintura.

Eles ameaçam começar a tocar. Silêncio. “Senta aqui”, Maria José insiste a uma senhora. Mais silêncio. “Bicho”, uma menina pequena aponta. O quarteto começa a tocar. O som das flautas, do saxofone e do violino formam um repertório pouco melódico. Não importa, todos ouvem com suspiros de respeito. A música logo de mistura com latidos de cães e vozes que, timidamente, começam a manifestar frases de louvor a Deus.

Aos poucos os fiéis se levantam. A mãe chama a menina loira para perto e lhe dá um beijo. A mulher grávida enxuga as lágrimas e dá seu último suspiro. Geni e sua família se unem e sorriem, parecem estar purificadas.

Enquanto os homens guardam seus instrumentos dourados em maletas pretas, o pastor agradece a presença de todos e fala frases curtas sobre Deus a cada um que vai embora. Ele baixa o tom de sua voz, que já não está mais trêmula, e passa um lenço na testa para secar seu suor.

Mulheres se abraçam e se reúnem na cozinha. Maria José providencia um galão de água gelada e alguns copos de vidro. O tempo estava seco e quente. O choro cede lugar a algumas risadas e são retomadas conversas sobre assuntos alheios.

Alguns limpam levemente seus joelhos sujos de terras. Os homens esperam suas mulheres no portão. Alguns veículos estão parados no portão da casa. O carro do amigo de Geni está próximo ao galinheiro e a plantação da casa. Ele manobra cuidadosamente para não atingir o cachorro preso em sua casinha com mais dois filhotes.

A despedida é rápida. Maria José fica em frente ao portão acenando com um sorriso discreto. Acaba-se o culto até o próximo domingo.

Os dias de glória de Maria Minelvina

Muitos carros costumam parar na estrada só para ver a mulher pastorar as vacas atrás da cerca. As mães mostram para os filhos como ela fala com os bichos e os chama pelo nome. Riem dos animais atenderem como se entendessem. Alguns

acham que o caso é de loucura. Maria Minelvina não se incomoda e até acha graça da audiência. Só não fica mais porque o caminho de volta é longo por entre os pés de eucalipto.

Quando chove, o cheiro da árvore espalha uma sensação bucólica. Sem precisar das botas altas plastificadas, anda com um chinelo, preso apenas pelos dedos, como se barro e mato molhado tivesse sido sempre o seu chão. Entre as muitas mulheres dali, Maria Minelvina é a que mais se encaixa na rotina de trabalhadora rural, agora com terra.



O trabalho engrossou as mãos e manchou o rosto. A vaidade pouco pode resistir ao sol forte e às madrugadas nas lavouras. Tudo isso feito com muito gosto. Desde pequena, sabia que seria mais feliz assim. Nenhum dos anos passados em diferentes plantações, com pouco dinheiro e muito trabalho, são narrados pela mulher sem um sorriso orgulhoso no rosto.

Andando pelas trilhas molhadas das chuvas de verão, é possível encontrá-la chamando seus animais:

- Viajante! Vem tomar mamadeira.
- Borboleta! Para de comer os meus cravos menina!
- Retrato, a mãe já vai soltar você para comer, meu filho!

Anda o dia todo entre eles, preocupada em organizar as tarefas na pequena fazenda. Os três bezerros – Viajante, Caranguejo e Retrato - trata com uma mamadeira pelas manhãs. Lamenta que um deles, Lobisomem, morreu a pouco de “dor de barriga”. Além dos filhotes, divide sua atenção com duas tartarugas, uma cabra e um bode, um burro velho e magricela, oito cachorros, nove pássaros e mais algumas espécies.

A casa vira uma verdadeira farra quando os nove pássaros se resolvem a cantar juntos. O chão, de terra firme, não deixa as taboas brancas do banheiro pararem limpas. Em dia de chuva, Maria Minelvina fica irritada porque o barro suja tudo. Os filhos homens dormem em um quarto, a filha adolescente em outro. Ela e o marido, ao lado da sala, em um quarto apertado, com um guarda-roupas montado com restos de madeira.

Há três anos construíram a casa onde moram, com madeira reciclada e telhas de plástico. Tudo é muito simples, mas não faltam enfeites nas paredes: gaiolas, quadros, fotografias e artesanatos, assim como o casco de um tatu que ela mostra se explicando – “o bicho já estava morto”.

Uma das melhores casas onde a família já morou. Aos 42 anos, Maria realizou o sonho de sua vida ganhando a fazenda. Não tem mais nenhuma ambição que não esteja entre aquelas cercas.

Dos três filhos, dois ainda moram e ajudam ali. Janaína, de 15 anos, estuda a oitava série e volta para casa todos os dias. Seu quarto, com o chão de terra batida e um cachorro de grande estima embaixo da cama, é cercado por ídolos em retratos colados. Aos 20 anos, Rosalvo é reservado. Dorme no quarto ao lado da irmã, onde uma cama espera pelo terceiro filho, que está longe. Trabalha fora ajudando o pai e tem um talento para desenho que a mãe lamenta desperdiçar.

Desde muito menina o sustento veio da terra, do que plantava e colhia. Começou a trabalhar no sítio que morava com os pais ainda muito criança - força a memória, mas não se lembra do nome da cidade onde nasceu. Os pais precisavam dos filhos, mesmo os menores, para ajudar nas plantações.

Quando a família foi para a cidade, Maria precisou crescer antes do tempo. Para conseguir dinheiro, saiu da casa dos pais. Via a mãe poucas vezes. Morava nas casas onde trabalhava fazendo a limpeza. Sempre que voltava encontrava os pais um lugar diferente. A vida nova a deixava cheia de saudades do cheiro do campo. Lá ficaram as memórias mais doces e a sensação de estar em casa.

Os 17 anos de casamento a levaram para vários estados. Apoiava todas as idéias mirabolantes do marido para conseguir uma vida melhor. Ele queria morar em um sítio, era disso que gostava. Mesmo a contragosto pela distância, nunca contrariava. Fácil de agradar, sempre acabava se apaixonando pelo lugar e se entristecendo na fatídica hora de se despedir mais uma vez. Foi assim em Minas Gerais, em Rondônia, no Amazonas, e em outros ainda. A felicidade dela é agora poder ficar.

As várias casas que construíram e as lavouras que plantaram têm histórias muito parecidas. A terra sempre arrendada, conseguida por contratos de honra pouco confiáveis. A família, muitas vezes enganada, plantava e cuidava de tudo para ser expulsa quando a época da colheita chegava. Esclarecida, Maria Menelvina sabe que tem direitos, que poderia tentar conseguir o que plantaram de volta. Mas Mineiro, o marido, não gosta nem que toquem nesses assuntos. Sem questionar, seguia com ele para outra tentativa.

Sentada no chão, encostada na cerca de madeira construída recentemente, passeia pelas lembranças. O sol bate na pele morena que nem se importa mais com o calor. Conta rápido, com poucas palavras, anos de vida. De Rondônia, onde plantou muitos pepinos, precisou sair às pressas para não deixar os filhos na rua. O dono das terras ficou com cada folha plantada e o lucro que deram.

Trabalhou com toda a família limpando plantações de arroz para pagar um caminhão que os trouxesse para São Paulo. Ainda assim, o dinheiro não pagava a viagem. Lembra das pessoas que emprestaram combustível, de como foi difícil chegar e recomeçar. Sempre uma história como essa, de quem trabalhava sem recompensas e via a esperança se perder por alguns minutos em que conseguissem permissão para se desesperar.

Guarda fotografias dela e da família posando nas plantações que cultivaram. Vários álbuns, desorganizados no pouco espaço do guarda-roupas improvisado, provam que sabe mexer na terra. Seu maior orgulho é uma das poucas certezas. Fica

triste quando não encontra as fotos de quando plantou morangos, de como eram bonitos. Nada daquilo lhe pertencia.

O que deixa Maria Minelvina feliz é um bom passeio pelo mato do assentamento. Das plantas que não conheço, acha graça. Tem prazer em caminhar e explicar cada detalhe das coisas que plantou. As abóboras e melancias que nasceram primeiro descansam no seu chão.

- Se me chamar para uma festa, eu não vou. Mas porque você não diz: “vamos passear por aí, pegar umas flores”. Eu largo o que eu estiver fazendo.

O sustento da família vem da horta no quintal. O pouco dinheiro que o marido ganha trabalhando fora compra adubos para o chão funcionar melhor e ração para os animais. Todos os dias ela inventa uma refeição usando o que tem, tentando fazer bonito. Garante, quando duvido, que a planta de folha grossa no quintal, se empanada, tem o gosto igual ao de peixe. Vai alimentando assim as expectativas do próximo dia.

Há alguns anos Maria Minelvina conseguiu construir uma pequena casa em Campinas. Lamenta pela única coisa que tinha para dar aos filhos. Montou um pequeno bar em cima da casa e vendia o que coubesse. Tinha o respeito dos eventuais bêbados que apareciam para jogar sinuca.

O marido trocou a casa por um carro velho e uma porção de cheques que nada valiam. O carro quebrou logo. Os cheques, ainda lamenta, envergonharam a família.

- “Se pudesse encontrar um advogado queria a casa de volta, a escritura ainda tem meu nome. Mas o Mineiro não gosta nem que fale nisso”.

Ainda guarda os cheques e a escritura da casa com certa amargura. Com um sorriso e o tom mais baixo, revela que se o advogado conseguisse a casa de volta, o presentearia com o próprio imóvel. Não queria mais nada da casa, mas queria justiça. Mas, agora, melhor esquecer e mudar o assunto antes que o marido se irrite.

Quais teriam sido os fatos mais relevantes da vida de Maria Minelvina, que a transformaram na pessoa de hoje? Passar quase toda a vida trabalhando sem poder parar, morar em favelas nas cidades grandes que hoje tanto despreza. Perder o pouco que tinha por ser enganada. Sorrir como criança quando os animais fazem algo inesperado. Criar os filhos viajando, e finalmente, encontrar um paradeiro.

Todas as palavras que diz, a maioria em um tom doce, são respeitadas pelos filhos. Não dá ordens, faz pedidos. Com o marido fora do sítio durante o dia, cuida da rotina de trabalho quase sozinha. Manobra os sonhos da filha adolescente, a vontade do filho adulto de estudar, a sua própria gana de ter finalmente uma vida tranqüila e seu cansaço.

No final do ano, os amigos e alguns familiares estão convidados para o natal no sítio. No jardim, plantado na frente do lote, cresce um pinheiro que vai enfeitar a festa. Avisa aos convidados da simplicidade, que devem dormir em colchões espalhados e, caso chova, que podem se molhar. Mesmo assim todos vêm.



Maria não reclama de nada: dos vizinhos, da chuva, do sol, da comida ou da falta dela que já passou. Tudo o que lhe resta de forças e vontade destina ao projeto da casa que quer ali. A casa vai ter quarto para todos da casa, separados, e uma área com churrasqueira, para a qual convida desde já.

Algumas pessoas comentam que, um dia, Maria pode ter que abandonar sua casa nova e partir, como partiu de tantos lugares. Quando as famílias ganham as terras, a propriedade, por lei, pertence à mulher. Seu marido não se conforma, sempre reclama de ter que morar na casa com o nome dela. Os vizinhos dizem que, um dia, ele acaba indo embora e arrastando Maria para longe do que conseguiram.

Enquanto isso, a casa e as terras vão ganhando a forma mais parecida possível com sua dona. Um dia uma nova flor, outro uma nova cerca. Quando pode, pega os restos de madeira e arrisca um artesanato para enfeitar a estante da sala. Aos poucos, vai ganhando um lugar para chamar de casa.

Sabe que ainda tem muito trabalho pela frente. Alguns dias são quase insuportáveis. Acha que só agüenta tudo por alguma intervenção divina. Mas, quem sabe, o pior já tenha passado? Mesmo com todo trabalho pela frente, está agitada, ansiosa para começar. Quer ter uma geladeira, assim que a energia chegar, e sacrificar uma de suas criações para cozinhar carne de primeira no almoço.

Os dias de glória de Maria Minelvina podem estar próximos. Já deve chegar a hora em que poderá, finalmente, trabalhar, e colher os frutos do trabalho, com a família. Os dias em que, fazer o que ela gosta, não vai mais decepcioná-la no final. E, então, viveria perto do chão molhado de barro, do verde que as flores colorem, dos animais com quem faz amizade. O bucolismo que lhe faz tanto sentido. Seria como se voltasse para casa.

Logo Maria Minelvina vai convidar a família e os amigos para o churrasco na sua grande varanda. Quando as pessoas chegarem, vão passar por estradinhas cercadas por coqueiros, que já foram plantados. As paredes vão ser de tijolos e a chuva ou o sol não vão entrar na casa. O quarto de Janaína vai continuar tendo pôsteres de atores famosos, e talvez ela compre uma caixa bonita para colocar todas as fotografias das vidas que tentou construir.

Em alguns anos, a lavoura de café, milho, pimenta e abóbora que plantou vão se deitar verdes e fartas no seu quintal. Ela vai posar perto delas com os filhos mais uma vez, orgulhosa do que as mãos fizeram nascer da terra. Mas, desta vez, vai colher. Poderá comer, vender, doar. Vai sorrir das histórias de quando não tinha nada por ali, e descansar em casa, sem ter precisado alugar um caminhão e viajar na noite escura.

Da próxima vez que Maria se despedir, não vai ser da varanda coberta com plástico. A placa, já pronta, escrita “*Sítio dos Mineiros*”, vai estar pendurada na porta da casa. Ela, de longe, vai acenar entre os coqueiros da estradinha.

Os pés cravados na terra

Quando chove forte, o ônibus escolar não passa e muitas crianças e adolescentes perdem um dia de aula. Nas noites estreladas, por volta das onze horas, o pai de Liniane a espera na entrada do sítio. Ela com livros nas mãos, ele com uma lanterna, descem lado a lado a estrada de terra que leva até a pequena casa de dois cômodos.

Liniane toma um copo de leite, coloca a roupa de dormir e deita ao lado da mãe:

- Dorme com Deus, mãe.
- Você também.
- E com os anjinhos da Glória.
- Você também.
- Te amo.
- Eu também.



O diálogo é o mesmo, toda noite. Irene e Liniane dividem a cama enquanto a casa da família não fica pronta. O pai dorme na casa ao lado, que pertence a Geni.

Foi de Irene que a menina herdou a devoção a Deus. Mas a pele clara e o rosto arredondado são lembranças da mãe biológica, que morreu quando Liniane tinha 5 meses. Um câncer no fígado tratou de cumprir o que Irene diz ter sido programado por Deus.

A pele marcada pelo sol e os gestos rígidos reforçam as palavras de Irene:

- Sempre trabalhei na roça. Eu gosto é de sítio, não consigo viver na cidade.

Oito anos antes de Liniane nascer, Irene trabalhava em um sítio na região de Catanduva, no interior do estado de São Paulo. Debaixo do sol, teve uma visão:

- Vi um bebezinho em um berço, brincando. Um bebezinho gordo, branquinho. Ao fim do dia de trabalho, ela contou aos seis primos o que tinha visto.

Um deles brincou:

- Então tenta ver de novo, pra gente ver também.

O tempo apagou a imagem da memória de Irene, até que sua sobrinha Sueli teve uma filha e em seguida adoeceu.

- Foi muito rápido, ela ficou doente e logo morreu. Nem chegou a emagrecer, como aconteceu com quem tem câncer.

O bebê ficou, desde então, aos cuidados de Irene. Em uma manhã de ar fresco, quando ela deixou Liniane no berço, viu repetir-se a cena de oito anos antes.

- Era o bebezinho que eu tinha visto. Era um sinal de Deus, pra eu cuidar dela.

Irene, então com 38 anos, desejava manter-se solteira. Desde criança, observava os partos de primas e tias, feitos dentro de casa, e entendia que dar a luz significava sofrimento.

Ela, que nunca desejou ser mãe, tinha agora Liniane em suas mãos.

- Resolvi ver se era aquilo mesmo que Deus queria e decidi: vou perguntar para meus primos se algum deles lembra da minha visão. Se algum lembrar, é porque tenho que ficar com a menina.

Conversou com cinco primos e nenhum deles lembrou da história. Faltava um, que estava viajando. Quando o homem voltou, Irene fez a pergunta e teve a resposta decisiva:

- Lembro sim. Eu ainda brinquei que era pra você tentar ver de novo pra gente ver também.

Não havia dúvidas: Deus colocara Liniane nas mãos de Irene.

Para evitar que o viúvo, Benedito, casasse novamente e levasse a criança para os cuidados de outra mulher, Irene resolveu unir-se a ele. A família apoiou. Irene e Benedito casaram-se no dia 12 de outubro de 1995.

- Casei de branco, orgulha-se Irene.

Ela acorda quando o sol começa a clarear a plantação e é pra lá que vai, sempre de tênis, avental e boné.

É Irene que cuida dos quase 5 alqueires de feijão e milho. Busca água na mina com um balde na mão, planta, tira o mato que cresce ao redor das mudas e passa veneno para prevenir pragas.

Nunca aparenta cansaço: no final da tarde, fala do dia de trabalho com sorriso no rosto, tirando com as costas da mão o suor que escorre pela testa.

E é com o mesmo sorriso que fala do passado. As histórias de sofrimento são sempre abrandadas pelo bom humor da mulher que nunca se cansa, que nunca desanima – seja do trabalho ou da vida.

Irene, com 5 anos de idade, viu a mãe morrer de câncer no fígado – o mesmo problema que, anos depois, atacou a mãe de Liniane.

Ela e os irmãos ficaram sob os cuidados do pai.

- Meu pai bebia e a gente apanhava muito.

Quem assumiu os trabalhos da casa após a morte da mãe foi Noemia, que na época tinha apenas 10 anos. A menina fazia faxina e comida, e o pai frequentemente reclamava. Irene traz na memória lembranças de tempos difíceis:

- Um dia, ele disse que a comida tava ruim. Não quis comer e jogou tudo no chão.

Com o tempo, o pai passou a implicar também com as saídas das filhas. Noemia, já adolescente, era proibida de namorar. Aos 16 anos, mantinha um romance escondido com um rapaz da vizinhança. Pensando em uma vida melhor, apareceu em

casa em uma noite, na hora em que o pai estava no bar, juntou as poucas roupas e os dois pares de sapato em uma sacola e fugiu. Irene ficou na porta da sala olhando a irmã ir embora ao lado do namorado.

Foi neste dia que Irene, aos 11 anos, passou a tomar conta da casa. E foi também neste dia que surgiu nela a vontade de fugir, igual a irmã.

- Mas sem homem do lado.

Desde então, Irene empenhou-se em desenvolver um plano de fuga. Trabalhava em casa e na roça e, aproveitando-se da falta de atenção advinda do alcoolismo do pai, vez ou outra roubava um frango e vendia aos vizinhos ou viajantes que passavam por perto do sítio.

Juntou dinheiro e, aos 15 anos, saiu em busca da irmã. Traçou mentalmente uma trilha pelo meio do mato – assim o pai não a veria – e fugiu carregando duas sacolas e dinheiro para pagar ônibus e hotel, se fosse preciso.

Caminhou por vinte horas sem parar para descanso e chegou a uma cidade.

- Não sabia que cidade era aquela. Sai perguntando pela minha irmã, mas ninguém tinha visto.

Tudo que Irene sabia a respeito de Noemia é que ela vivia em um sítio, na região de Maringá. E foi em um desses sítios que Irene soube que a irmã freqüentava uma igreja adventista. Começou a viajar de ônibus de uma cidadezinha a outra, sempre procurando pelas igrejas.

- Peguei carona também, dormi em hotel e passei fome.

No décimo dia de viagem, ao entrar em uma pequena igreja na cidade de Piabiru, reencontrou a irmã.

Com lágrimas nos olhos, Irene narra o reencontro. As lágrimas também aparecem quando fala do pai. A mulher de vida dura não guarda rancor, mas sente saudades. Quando as lágrimas mareiam seus olhos, ela disfarça olhando para o lado:

- Aqui plantei feijão, olha só.

Passou a morar com a irmã e freqüentar a igreja que foi palco do reencontro. Desde então, o adventismo guia sua vida.

Quando a vida no interior do Paraná ficou difícil, Noemia soube de um lugar para morar no interior de São Paulo e foi para lá ao lado de Angelo, o namorado com quem um dia fugiu. A irmã foi junto.

Ao chegar em Itajubi, região de Catanduva, Irene foi em busca de emprego na roça.

– Nunca aguentei ficar muito tempo na cidade.

Trabalhava embaixo de sol ou de chuva, sem nunca reclamar.

Irene desejava uma terra. Após 20 anos morando em Itajubi e trabalhando em terras de patrão, ouviu a notícia de que havia um assentamento na região de Matão os assentados precisavam unir forças – e chamar mais famílias - para conseguir terras. Noemia mudou-se para lá junto com o marido. Irene, encantada com a idéia, foi em seguida.

O sonho, não sabia Irene, ainda estava distante. Em Matão, teve que trabalhar em fazendas de laranja para ganhar o dinheiro da comida.

– Ganhava muito pouco, a mistura era ovo porque tinha galinha no quintal, senão, nem isso.

O caminho até o sítio onde mora atualmente foi difícil: passou por um acampamento em Brasília Paulista, onde não havia casa nem água.

- Morei na lona por três meses.

No início de 2009, uma cunhada de Irene – a Geni – avisou que o INCRA doara a ela 5 alqueires na região de Pederneiras. Irene mudou-se para o sítio onde, por fim, ergue sua casa e fez sua horta. A casa tem quatro cômodos e ainda está sem pintura.

- Deve ficar pronta por esses dias.

Enquanto isso, Irene divide a cama com a filha. Pinta as paredes da sala e conta que ergueu a casa junto com o marido. Mostra onde quer fazer uma varanda e explica que os alicerces devem ser mais baixos que o telhado da casa, para que a chuva não molhe o piso e não atrapalhe a paz de quem descansa olhando para o horizonte. A casa fica próxima a rodovia, perto de onde Liniane desce do ônibus, de segunda a sexta, às onze da noite. Irene tem dores nas costas nos dias em que



trabalha muito. São as únicas dores que tem. As dores da vida, Irene tratou de enterrar ali na parte que lhe cabe dentro dos cinco alqueires.

A lona preta e o facão

De longe é possível reconhecê-la protegendo o que seria a porta do seu barraco. Vestida para a batalha que enfrenta a cada hora consigo mesma entre a vontade de abandonar tudo e a perseverança de continuar. Ao seu lado um facão na espreita, pronto para ser agarrado pela mulher que não pode admitir o medo. As vontades e ansiedades guardou em um lugar longe dali, onde também deixou a filha e a maioria de si para acampar junto aos sem terra.

Débora Fernandes “gosta mesmo é do barulho”. Com uma história parecida com a de muitos brasileiros, dribla como pode as horas ruins. Irreverente, não mede as palavras para dizer o que pensa, ri alto de coisas que não têm graça e faz piadas com pessoas que mal conhece. Em alguns minutos de conversa conta logo as coisas mais difíceis de assumir.

Diferente das pessoas assentadas há mais tempo, Deborah ainda não conseguiu seu lote. Acorda e dorme todos os dias na incerteza da terra vermelha e do mato desconhecido. A barraca – uma lona preta jogada sobre estacas grossas de madeira – delimita o espaço onde só ela pode ficar. Dormindo pouco por causa dos bichos peçonhentos e do perigo de homens desconhecidos, guarda o lugar que espera ser seu.

Nos dias, quando sente seu barraco seguro o suficiente para isso, vai para o assentamento ver pessoas e paisagens nos quais pode confiar. As noites, passa sentada sobre um toco de madeira que lhe serve de banco. Nas horas em que é vencida pelo sono cochila ali mesmo, sentada ou debruçada sobre o toco. Qualquer barulho no mato, perto ou longe, a desperta rapidamente e faz com que busque com os olhos o lugar onde repousou seu facão. Acha difícil descansar o corpo e a mente quando está em terras de ninguém.

Se alguém aparecer pronto para lhe fazer algum mal, Débora diz estar preparada. O facão que anda com ela não é apenas um enfeite. Para acampar ali é preciso perder certos limites que uma mulher geralmente tem, traçados pelo medo ou sensibilidade.

- Você não tem medo do que pode acontecer quando a noite chega?

- Mas você viu aqui o tamanho do meu facão?

A primeira visão do acampamento dos sem terra comove o espectador como uma cena de cinema. Triste e bonita, a imagem mostra pessoas estranhas umas às outras admitindo suas condições de precariedade. A cena da ausência de solidariedade entre pessoas que se acostumaram com a defensiva. O chão, antes forrado pelo mato, agora está descoberto pelos seus facões. Animais que perturbam durante o dia e a noite. Uma sensação de estar separado dali, assistindo uma realidade que Sabíamos existir, mas muito distante até então.

Entrar no acampamento é como trocar totalmente de lugar. Sentir outra atmosfera e realidade envolvendo pessoas diferentes. O cenário é estranho até mesmo para os olhos de quem mora ali por esse tempo. Trata-se de várias aculturações, pessoas deslocadas de todas as partes do país, olhando umas para as outras, hora corajosas, hora humilhadas. Totalmente diferente do assentamento, não cuidam das suas plantas nem constroem suas casas de amanhã. Eles apenas esperam.

O espaço tomado pela lona é pequeno, suficiente para cobrir o que está em volta de Débora. Depois dele, um terreno grande, o alvo desejado, onde um dia poderia morar. Os barracos afastados deixam-na ainda mais sozinha.

O bem estar que o campo proporciona não funciona nada por entre as noites que passa em claro pensando nas coisas ruins que podem lhe acontecer. Quando sente que o medo ganha espaço, ela agarra o facão, único companheiro do acampamento.

Para ignorar os perigos e vencer os dias compridos que passam por ali, vestiu-se de imaginação e assumiu-se forasteira naquele lugar. Anda pelas ruas de terra durante o dia, onde as casas dos assentados já estão levantadas, como se analisasse a situação de cada família. O punho apertando a madeira do facão, caminha com austeridade. Não pertence a esse lugar, mas precisa ficar ali por motivos maiores. Ganha coragem quando se imagina guerreira, forte, invencível. Brinca de ser dura quando não é, dizendo para si que os dias ainda vão lhe compensar.

A irreverência de Débora provoca expressões diversas no rosto dos assentados. A maioria deles a recebe muito bem quando, diariamente, caminha pelo assentamento nos momentos raros em que pode deixar seu barraco sozinho. Acham graça, sem repreender, das suas palavras desmedidas. Os amigos mais chegados chegam a justificar seus gestos estranhos contando mais detalhes sobre a forte personalidade, e sobre o caráter reto que a moça possui.

Moça porque tem apenas 31 anos, muitos deles vividos pelas ruas da cidade de Bauru, onde nasceu. O rosto tem expressões fortes que os acontecimentos marcaram. Há tempos Débora deixou de aceitar os maus tratos que a vida lhe impõe. Tem o corpo gordo e forte, os olhos rápidos, a pele negra, os cabelos presos com pouca vaidade. Sem acreditar nas boas impressões sobre sua pessoa, se nega a aparecer nas fotografias. Defende a si e a própria história antes mesmo que haja algum ataque.

O que configurou o futuro de Débora, como quase sempre acontece, foram os tempos de criança. Quando o pai, alcoólatra, foi assassinado, uma senhora adotou a menina de pouca idade como filha. Para pagar a compaixão dessa senhora, precisava pedir esmolas nas ruas de Bauru, para os carros e pedestres dos quais ainda lembra o olhar. O que ganhava, dava para a mãe. Cresceu assim, sozinha.

Andou pelas ruas até conhecer tudo o que tinham a oferecer. Com os olhos perdidos em uma imagem que só ela vê, não abaixa o nariz quando diz das drogas que experimentou. Conheceu os albergues da cidade e as visitas que as assistentes sociais, vez ou outra, fazem para os rostos já conhecidos das calçadas. Débora se tornou um deles.

Entre as coisas das quais poderia se orgulhar sobrepõe os filhos que teve. Nas mesmas ruas em que cresceu, Deborah perdeu três deles. Uma assistente social da prefeitura da cidade pedia constantemente que tirasse os filhos da rua porque assim iria perdê-los. Não havia lugar seguro para deixá-los. Preferia os filhos na rua com ela que em casa com o pai violento, ou sozinhos.

Ao contar do dia em que viu os filhos partindo ela perde a confiança no rosto. As palavras saem embaralhadas, envergonhadas. Pela primeira vez perde o controle de sua própria situação. As crianças foram levadas para a casa da mãe de Debora, de onde ela fugia até então.

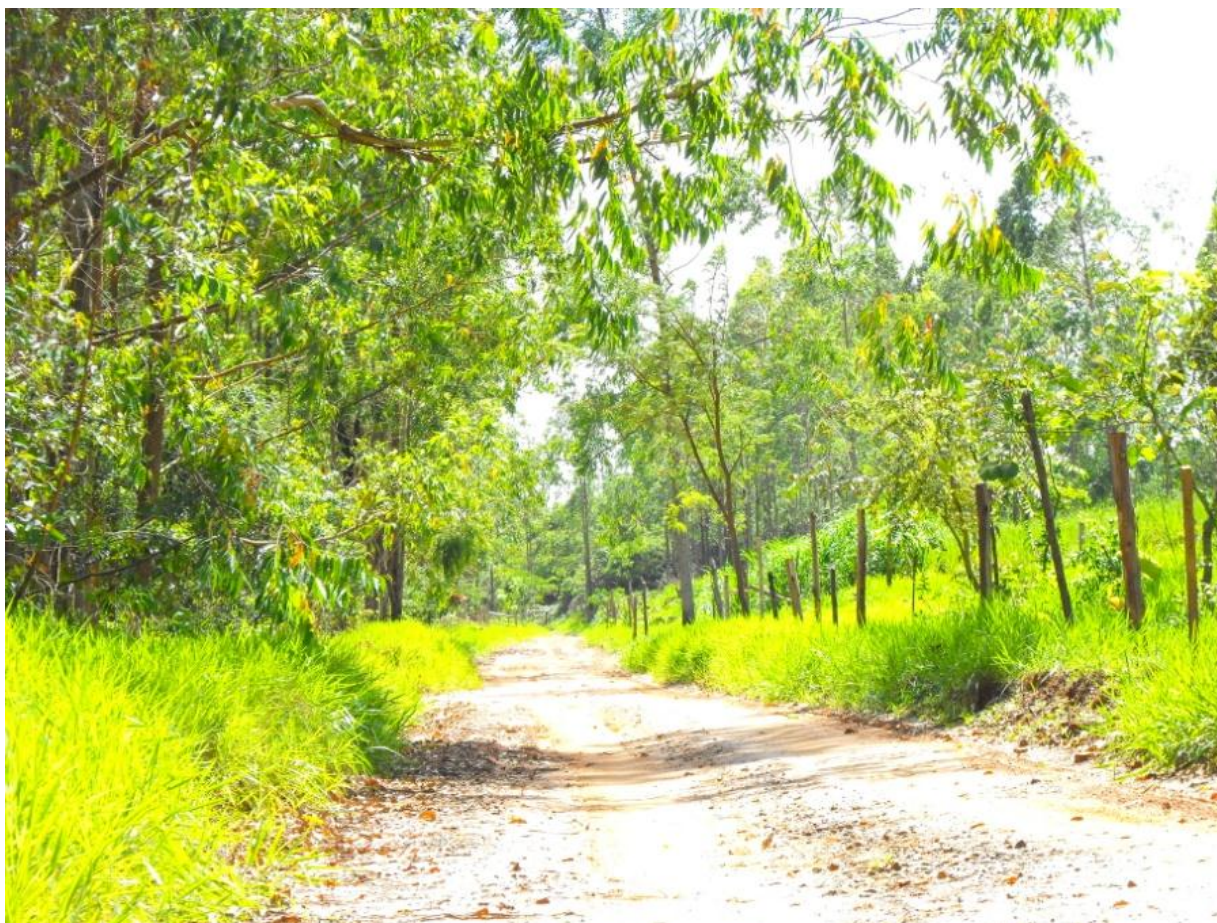
Ao seu lado só ficou a menor de todas. Uma garotinha muito pequena que Débora implorou à assistente que deixasse ficar. Diante dos juramentos de cuidados e com a promessa de voltar na semana seguinte, a mulher deixou Débora ficar com Viviane. Conseguiu um trabalho de garçonete e organizou uma casa na favela da cidade o mais rápido possível para continuar com a filha.

É por causa de Viviane que passa os dias e noites sob essa lona preta. Por si mesma, sabe plenamente que não faria esforço assim, apesar de estar cansada dos

maus tratos e erros na cidade. A idéia de ver a filha perto das ruas, rodeada pelos perigos tão conhecidos, faz com que agarre seu facão e vá defender seu barraco.

Viviane mora no assentamento com um casal já cadastrado e dono de suas terras. São duas mulheres: o primeiro casal homossexual oficialmente registrado pelo Incra em um lote familiar. Elas também tem uma filha adolescente, com quinze anos, como Viviane. Quando a mãe vem visitar Viviane as duas se colocam lado a lado com muito orgulho. A menina namora, vai à escola, e ajuda nos afazeres da casa onde é hóspede. Quando fala, tem as frases completadas por Débora. Enfatiza seu desejo de estudar, de ganhar bem, ajudar a mãe.

Na casa onde vive Viviane uma harmonia rara recebe os visitantes. Darci e Dida cederam sua casa pelo tempo que Débora precisasse para abrigar sua filha. Sabem da dificuldade porque também já passaram pela lona. A garota se envolve bem no ambiente e anda por entre os cômodos, vigiada pela mãe, sem nenhum peso em sua expressão. Por isso Débora vai ao assentamento todos os dias e deixa seu barraco sozinho. Pretende entregar para o futuro de Viviane o que puder da sua energia, além de dar a ela o que não pode dar aos outros filhos.



Caminha mais de uma hora com seu facão para ver a menina. A estrada cheia de curvas deixa Débora sozinha por longos minutos. O local onde estão os acampados é distante do assentamento, mas não importa. Os amigos esperam sua figura aparecer longe, estremeçada pelo sol forte, de onde sempre chega. As horas por ali a enchem de forças para continuar. Um tempo na sombra das casas conhecidas, uma conversa informal sobre as novidades, revisão dos afazeres de Viviane e a volta para o acampamento antes de escurecer.

A maioria das pessoas acampadas se separa dos filhos para estarem ali por causa do ambiente inóspito demais para crianças. Não podem trabalhar porque, se saem da terra, quando voltam, podem tê-la tomado de volta. Por não trabalharem, não têm comida. Vivem de caridade, quando raramente pessoas ou instituições enviam cestas de alimentos. Expõem-se a doenças com a falta de saneamento.

Mas o acampamento fica mais difícil porque não promete nenhuma recompensa. As medições e autorizações finais do Instituto da Reforma Agrária, que daria a terra legalmente aos acampados, podem demorar anos ou nem vir. A qualquer momento estão prontos para saques, insultos ou para serem expulsos. Como o dinheiro quase não existe fica difícil construir uma estrutura melhor que um barraco de lona em um lugar tão imprevisível.

Todos os dias, quando pensa um pouco em si mesma e não em sua filha, sente uma vontade enorme de ir embora. Se armar de um facão sozinha, sem comida ou banheiro, a deixa humilhada e envergonhada da sua condição. Tem dias em que vê a noite passar acordada pensando se isso tudo vai valer a pena. Em troca do sonho de um lugar de fato seu, tem levado consigo desagradados que já não suportava calada há muito tempo – Eu sou da favela!

Em outros tempos Débora vivia sua juventude mais que sua maternidade. Ainda hoje não nega que gosta de bebidas, festas, diversão – sinto falta do barulho. Agitada, não consegue ficar muito tempo em silêncio. Aproveita cada minuto das raras festas no assentamento chamando a atenção das senhoras mais calmas e recatadas. Mesmo assim, sem combinar com o lugar, permanece. Deixa de lado toda sua animação e, de volta para o barraco, esperar a noite passar.

Sobre o pai de Viviane e dos outros filhos, nenhuma palavra. Não gosta de falar sobre as coisas que aconteceram que a fizeram odiar tanto qualquer figura masculina. Vai aos bailes de música sertaneja quando pode, bebe o que quer, mas nunca tem um namorado. Na sua casa, se conseguir um terreno no assentamento,

nunca vai colocar um homem perto da filha. Prefere ficar assim como está, sozinha, que lhe parece melhor.

Os dias vão passando e as esperanças de Débora vencendo as frustrações. Nenhum exemplo de conduta, nem o comportamento mais adequado. Não é uma trabalhadora rural sem terra, mas uma cidadã sem casa, sem emprego e com um futuro nas mãos. Não sabe plantar e aprendeu recentemente com as amigas a ordenhar as vacas. Sabe somente que precisa descobrir uma nova forma de viver porque, no mundo onde estava, não havia espaço para ela.

O lugar que tenta conquistar agora ainda não tem nenhuma feição. Débora não sabe como vai ser a entrada do seu sítio, nem se vai ter um nome. Escolheu por não sonhar demais porque tem medo de não lhe concederem o lote. Espera cansada o dia em que, quem sabe, vai levar Viviane para casa, receber as visitas no seu lote dessa vez e dormir em paz. Enquanto isso, tem a companhia do seu facão sentada em um toco de árvore, esperando sozinha o tempo que passa sem pressa nenhuma.

A mulher do leite

Mais do que as mãos magras e delicadas ou o jeito intimista como conduz uma conversa, passando a impressão de que somos velhas conhecidas, o que chama atenção em Suely são os olhos. Grandes, de um azul vivo, ofuscam a camiseta cor de mar que ela usa enquanto frita bolinhos-de-chuva para o neto.

Suely herdou os olhos e a silhueta esguia do avô paterno que veio da França. As mãos cuidadosas foram treinadas em anos de trabalho como enfermeira. Um dia, saiu dos hospitais e foi trabalhar com vendas: virou viajante. E antes de ser enfermeira, estudou veterinária.

Suely tem dois filhos. Alan, o mais velho, trabalha em uma fazenda no Mato Grosso e é pai de Gabriel, o menino de 4 anos que espera ansiosamente pelos bolinhos de chuva. Gabriel chama Suely de mãe e, a cada chamado, ela para o que estiver fazendo para atender ao menino. Pega no colo, dá água, faz carinho nos cabelos encaracolados. A mãe biológica de Gabriel o abandonou ainda bebê.

Alex, o filho mais novo, está preso. Ela conta que o rapaz envolveu-se com a mulher errada e agora paga pelo engano. É o único assunto que faz Suely desviar os olhos para baixo e fixar a atenção nas mãos, que passam de delicadas a inquietas. Fica claro que mais perguntas sobre o assunto serão inconvenientes.

Alex tem um filho de um ano e meio que vive em Bauru com a mãe. Suely ajuda a cuidar da criança – diz que ela não é bem tratada na casa onde vive - e briga pela guarda dela na justiça. É o coração materno que não a deixa dormir enquanto o neto está longe, ainda que há poucos quilômetros de seu sítio. Quando pode, pega o carro e dirige até a cidade para trazer o neto até o sítio. Depois de algumas horas, leva-o de volta com o coração apertado.

Com apenas cinco minutos de conversa, a mulher dos cabelos loiros deixa a impressão que não é do tipo acomodada. Passando a tarde ao seu lado, nota-se que a impressão é verdadeira: Suely não para.

Mostra cada canto de seu sítio e, em cada canto, deposita um carinho especial - essa é minha porquinha, a Cocholina. Suely para na beirada do chiqueiro e a porca se aproxima para receber os carinhos. É uma porca pequena, não está na engorda, não será morta e servida no almoço de Natal: é de estimação.



Ao lado do fogão de lenha, uma pata choca os ovos. O ninho toma espaço de quem precisa cozinhar, mas Suely não se importa: dias depois, ficará admirada com o andar cambaleante dos patinhos que estão por nascer.

Ao redor da casa, um peru cisca e espera pela porção diária de milho. Gansos guardam a estrada que conduz até a casa. - Não tenho cachorro aqui. Não gosto.

Suely deposita confiança nas pessoas, oferece café e convida para entrar na casa de dois cômodos. Mostra o quarto de duas camas, cheio de brinquedos e roupas. Na sala, há um sofá coberto com panos para disfarçar o desgaste e uma pequena TV em preto-e-branco - aqui eu fico até tarde vendo minha TV. Durmo no sofá mesmo. Enquanto a luz não chega ao assentamento, ela carrega o celular e a televisão na bateria do velho Chevette.

Os gestos, a fala e as histórias denunciam uma mulher ativa. Com 52 anos, deixa claro que agüenta outros 50 no mesmo ritmo.

A ligação desta mulher com a terra é tão forte que faz o passado de viagens e estudos resumirem-se a pequenas lembranças, risadas e desconversas. Quando indagada a respeito da vida antes do assentamento, responde rápido e volta a falar dos planos futuros. Abana as memórias com um balanço de mãos no ar. Coisas passadas. Há muito o que se fazer naquela terra: quer criar gado de leite e carneiros. Para Suely, o passado não importa.

Durante os 16 anos trabalhando como representante comercial, ela pode conhecer grande parte do Brasil. Um dia, viajando pelo interior da Bahia, avistou na beira da estrada barracas de lona, restos de fogueiras, pessoas caminhando.

- Eu queria poder passar só uma noite debaixo de uma lona dessa. Queria saber como é.

Esse sempre foi seu grande desejo. Talvez por isso tivesse viajado tanto. Talvez por isso tivesse tantas vezes mudado de emprego.

Casada com Benedito desde os 19 anos, morava em Bauru quando, no ano de 2005, ouviu falar sobre um grupo de pessoas acampadas em terras da região. Movida pela curiosidade, foi conhecer o lugar e de lá nunca mais saiu. Vendeu carro e casa para comprar comida enquanto morava em barraca.

- Nesta época, eu pedia cesta básica nos supermercados e levava para as famílias. Todo mundo precisava de ajuda. Eu também”.

Ainda hoje, Suely é figura central no assentamento onde vive. Ela traz doações de leite e cestas básicas para as famílias que ainda estão acampadas. Por isso, ficou conhecida como a “mulher do leite”. - Se você falar por aí do meu nome, tem gente que não vai conhecer. Mas se você falar da „mulher do leite”, todo mundo sabe quem é - fala apontado com o queixo o lado de baixo do seu sítio, onde, depois de alguns alqueires de mato e eucaliptos, vivem outras famílias. É ela também que trata de questões burocráticas com os funcionários do INCRA.

Com botas de borracha, alimenta as galinhas e coloca madeira para queimar. O carvão é atualmente uma das fontes de renda da família. Entre uma tarefa e outra, Suely faz comida e cuida de Gabriel. Se é dia de comemoração, trata de organizar a festa - organizei a Páscoa lá no Centro Comunitário para a criançada.

Quando cansa, senta na varanda, apóia um braço na mesa de madeira e acende um cigarro.

- Ah, eu fumo, mas não fumo dentro de casa nem perto das crianças. Tem que respeitar, né - e ajeita o cabelo com a mão esquerda.

Ela conta que sua vida na cidade era boa. Não entra em detalhes, porque eles pouco importam. Se a vida na cidade era boa, no sítio é melhor.

Ali não tem água encanada, nem energia elétrica. A terra está maltratada devido à plantação de eucaliptos que dominava todo o local. Eucaliptos sugam os minerais da terra e a empobrecem.

Para guardar carne é preciso salgá-la, ou buscar gelo na cidade, que fica a 13 quilômetros dali. Quando chove, a estrada de terra que leva até a rodovia é tomada por poças d'água. Se faz calor, os pernilongos atrapalham o sono das pessoas.

A casa de Suely é feita de madeira. Cozinhar no fogão à lenha faz muita fumaça e traz muita demora. O trabalho é dobrado: pegar madeira, atear fogo, esperar aquecer. Se faz frio, a água aquecida em canecas não basta para o banho: o frio dói. E frio no meio do mato machuca mais. Se falta sal ou açúcar, é preciso caminhar entre mato e eucaliptos para chegar à casa de um vizinho.

Mas, para Suely, são só detalhes. Carro, casa e conforto não trouxeram felicidade à mulher que para na varanda e sorri ao olhar para o que é seu. Está feliz porque o INCRA enviou material de construção e, depois de alguns meses de trabalho, poderá sair da casa de madeira. Aponta uma plantação de eucaliptos ao lado de sua casa: ali ficarão os carneiros. Suely fala do dia em que fará uma ceia de Natal para os filhos e netos na casa de tijolos. Não sonha com isso, tem a certeza e a data marcada. Desde que foi morar no assentamento, a mulher dos olhos azuis entende que não existem sonhos, existem desejos. Ali, naquela terra, trabalha para realizar o que quer. O passado se perdeu entre o muito a se cultivar, um neto para criar e uma casa para erguer. Há pessoas que precisam dela para uma cesta básica ou uma consulta médica na cidade próxima. E há uma criação de carneiros e vacas que não pode esperar.

Onde descansa a mãe dos santos

Dois cachorros, um bravo e outro manso, guardam a casa de Maria José num barraco afastado. Num dia alaranjado de sol, precisa chamar o marido de longe - ele escuta pouco, ela só enxerga por um olho. Coloca um pano branco na cancela da frente. Ao ver o código, já sabe o que fazer: Luiz atende prontamente, com uma resposta ofegante, ao chamado da esposa.

O cercado que prendia os animais, os pés de eucalipto, a mulher desconfiada vindo atender a porta. Um lugar fácil de se sentir em casa. A segurança que a presença dela inspira dá vontade de ficar mais, de aceitar uma bebida para ouvir a risada forte. Quando a pergunta não merece uma resposta, dá um sorriso de canto, um olhar de desdém, como quem diz que conhece coisas demais para se ater àquilo.

Maria José da Silva é uma mulher de muitos nomes. No assentamento é Dona Camargo: espírita, nunca convidada para reuniões religiosas. No interior da Bahia, a alguns filhos de religião, atendia por Mamãe, ou Mãe Samizê. Entre os móveis – pedaços de lugares passados – caminha a senhora do seu lar. Mãe não só dos seus filhos, mas de si mesma e de quem mais precisar.



Os amigos, faz-se pelos olhos. Por eles, pode-se ver o que as palavras não ousariam admitir. Mas só têm o poder de enxergar mulheres como essa, que se sente rainha quando perde os sentidos com um vestido branco rendado, saia rodada, cabelos cobertos. Uma senhora que recebe visitas de Oxum, e segue certa de sua proteção, quando na verdade estava só.

Há 62 anos, quando Maria José nasceu, gostaria de ter visto como foi o dia. Casou-se duas vezes, tornou-se “mãe de santo, chefe de candomblé”. Há três anos tenta transformar em casa um barraco, no assentamento do Movimento dos Sem Terra.

- Eu mandei construir bem alto, que eu não gosto dessas casas de pombo em que esse povo daqui mora.

Em nada Mãe Samizê se parece com seus vizinhos do sítio. Mostra a sala de estar, sala de jantar, cozinha, banheiro e um quarto. As paredes que separam os cômodos são feitas de telas contra mosquitos e folhas de plástico. Na cozinha, um pingüim de geladeira parecia revoltado por enfeitar o armário. Tudo ajeitado com o cuidado de quem pinta as unhas de laranja fosforescente, compridas, de muito tempo de cultivo.

Ela é uma negra, parece forte, anda devagar pelos cômodos da casa. As roupas todas muito simples: bermudas e camisetas largas e frescas. As mãos de rezadeira, além das unhas enormes e pintadas, dessa vez de cor-de-rosa, têm anéis com pedras grandes que enfeitam Maria desde anos atrás. O humor não denuncia nada das histórias que viveu.

Mulher da terra por causa do endereço, tudo nela contrasta com a simplicidade das pessoas que vivem ali. Nunca tive certeza de que Mãe Samizê sabia tanto quanto dizia saber, mas já se tornava mais densa pela certeza que tinha em si mesma. Todas as suas respostas têm uma complexidade, pedem interpretação. Brinca de ser, e se torna de verdade.

O olho direito não oferece mais imagem alguma. Tem muito medo do dia em que o esquerdo terá o mesmo destino. O drama de Mãe Samizê não se resolve em uma mesa de cirurgias, como o de uma pessoa comum. O dia em que voltar a cumprir sua missão em um candomblé, escutar os orixás e atender aos filhos, com certeza vai voltar a enxergar. Sua cegueira nada mais é que um capricho dos santos para ter sua atenção de volta.

- Eu tenho uma desconfiança desse meu olho estar assim, por isso quero ir à Bahia falar com meu pai (pai de religião). Acho que é por não cumprir mais com minha missão.

- Você fala da sua missão religiosa?

- Parei de tocar candomblé. Mas eles querem que eu volte. Por isso acontece isso comigo.

A morte, a desdém da sua fama, passeou tanto por perto que caiu fatalmente na trivialidade. Sem medo de morrer, Mãe Samizê só pede que possa ficar um pouco

mais: Ainda há tanto para fazer! O sítio precisa ser cultivado, os eucaliptos vendidos. Agora está se relacionando com a terra, de onde vai tirar os próximos anos de vida. Tudo dela está se espalhando pelo chão de terra marrom, pela poeira, a tarde cheia de ruídos de insetos escondidos entre as árvores. O silêncio da noite.

Viver na fazendinha e do que ela dá pode ser uma escolha muito sábia. Mãe Samizê queria dar isso a todos os seus filhos porque sabe o preço dessa tranqüilidade na cidade. Cinco deles, saídos dela de fato, estavam na cidade de Campinas. Uns visitam o sítio, outros já tentaram morar lá, mas as mulheres com quem eles se casam são uma cruz que a mãe precisa carregar! Ciúmes não combinam com Mãe Samizê, só se responsabiliza porque é dona do destino dos filhos que teve.

Enquanto o marido anda pelo sítio com um chapéu de palha, durante o dia todo, ela olha com olhos atentos cada detalhe que pode melhorar. É assim que dá as ordens na sua casa. Organiza muito bem os afazeres, a maneira como a saúde ainda permite que ajude. As plantações e preparação da terra para o gado que virá, fica por conta de Luiz, que entra na casa de tempos em tempos atrás de um copo de água ou um pouco de sombra para abrandar o suor.

Aos sete anos, em Morungaba, Maria José lavava as roupas dos irmãos em uma bica de água corrente - algumas vezes tinha que esperar a cobra sair da bica para começar a lavar. Carregava peso na cabeça, tinha pouco para dividir com doze irmãos, e não se importava. A única coisa capaz de alterar sua altivez é o descaso da mãe.

- Ainda acho que não sou filha dela. Que outro motivo teria para me tratar tão mal?

- Você chegou a falar sobre isso com ela?

- Perguntei. Ela disse que não gosta mesmo de mim. Disse assim, olhando na minha cara.

Mãe Samizê é mais filha de santo que de seus pais. Se acostumou a encontrar ajuda neles com mais freqüência. Quando quer alguma coisa, compra uma garrafa de pinga para o escravo do seu orixá.

No sítio sobra tempo para pensar que os tapas que levou no rosto dos patrões doíam, que viver longe de casa para sobreviver fizeram dela essa mulher. Agora, andando pelo chão de terra, observa sua tarefa como Mãe de Santo com distancia, como se assistisse os próprios movimentos.

Um dos poucos homens que se aproximaram dela foi com quem se casou e teve os cinco filhos. O casamento era uma casa que não a dos pais, nem a dos patrões. Nem hoje, com Luis, fala-se em paixão. Luis é um homem que cuida das plantas, que cuida dela, acompanha e admira. Não parece mulher de homem nenhum.

Andando pela cozinha, clareada pelo sol forte, pergunta se tenho medo. A noite tudo fica um breu naquele lugar. A energia elétrica só vai chegar quando todos os barracos estiverem niveladamente parecidos com uma casa. Alguns estão adiantados, outros só começando.

Enquanto picava alho para o almoço, conversamos sobre os trabalhos que já fez para os vizinhos. O menino que tinha a “lepra” se espalhando pela perna e pediu ajuda na reza dela.

-Eu falei que não queria mexer com isso, mas acabei ficando com dó desse tal de Eduardo. Agora ele está bem, vejo quando corre por aqui.

Parou de tocar candomblé porque as pessoas não entendiam o que queria dizer. Irrita-se fácil, fica brava quando é interrompida no meio de uma história. Espera das pessoas a mesma profundidade que tem e desanima quando não é correspondida, quando não vê clareza nas intenções. Desistiu de se fazer entender.

A mulher que ajuda as pessoas a resolver seus problemas pedindo favores aos santos não gosta de reclamar. Diminuída em casa pelos pais, ignorada pelas pessoas das ruas por ser pobre, faxineira, negra e mulher, por ouvir o que dizem os espíritos e rezar ao som de batuques. Ela é feliz.

Entre as muitas coisas que Mãe Samizê sabe, porque viu ou porque viveu, sabe como é ser negra e a diferença que faz. Conta histórias sobre amores entre brancos e negros proibidos pelo orgulho, sobre sua marginalização e das limitações dos amigos brancos que fez. Tudo que lhe parece menor incomoda muito pouco. Sobre os julgamentos quanto à sua cor, fala com desdém.

A diabetes, além da visão, leva também alguns segundos de todos os seus dias. Já não sente dor quando fura a pele lisa com as agulhas para insulina. Luis se preocupa mais com a saúde de Mãe Samizê que ela mesma. Anda em volta como se ainda, depois de todos esses anos, não soubesse como agir na presença da esposa. Pede baixo, com respeito, para que não se esqueça de beber água quando puder.



Por sete longos anos, seu sangue foi filtrado por máquinas. Os braços dela, curiosamente, não trazem nenhuma marca da dor que sentiram. O possível doador de um rim novo, Luis, acometido por uma hepatite, frustrou as esperanças de si mesmo e da mulher. Mas Mãe Samizê sempre soube a quem recorrer, e também, que não iriam falhar. Pediu aos orixás que deixassem Luis saudável para que ela vivesse mais.

Uma semana na cama, muito suor e Luis estava curado. Mãe Samizê encontrou um bom orixá, hospedado em uma senhora competente, que curou seu

marido com uma cirurgia espiritual. O rim que Luis, então, pôde doar, há três anos está no corpo dela. Por isso, ele cobra um gole de água, pelo menos, sempre que puder. Quando fazia hemodiálise sonhava parar a boca em uma bica e beber tanta água quanto pudesse. Agora, parece que passou.

Quando conhecemos as pessoas, nos demoramos em outros detalhes antes de saber sua religião. Dela, só se conhece alguma coisa quando entende no que acredita. Não é Maria José, mas Mãe Samizê. Ainda menina teve sua primeira visão. O primeiro dos contatos que a chamariam à sua missão.

Voltando da escola noturna, na cancela da casa em que morava, “a figura escritinha de um cristo, com os braços bem abertos, olhava para mim deitado no chão”.

- Era um homem? Um espírito?

- Era bem um cristo, escritinho mesmo, ela responde.

- E você não teve medo?

- Entrei pela casa correndo e chorando. Foi assim até eu entender o que queriam.

Antes de aceitar aquilo que a tornaria tão diferente, tentou exorcizar seus orixás, se afastar do fatídico futuro que a esperava. Mais fortes, venceram a resistência e o medo, e ela aceitou. Demorou até que selasse de vez a amizade com seus guias.

Impossível saber se sofreu muito ou como viveu até chegar aqui. Mesmo se quisesse explicar, talvez não entendesse o que fez dela a mulher de hoje. Mas um dia, alguma coisa aconteceu que a deixou completamente apaixonada por si mesma. O que tenho são impressões que me deixei arriscar, além das que ela quis que eu tivesse.

Ninguém consegue esconder nada de Mãe Samizê. Seu primeiro marido saía durante a noite, e quando voltava, ela sabia de tudo: “Meus guias me contavam”. A amizade com as entidades lhe garante reconhecer de longe qualquer mentira. “Sou igual preto velho atrás do toco”. Ri alto balançando o corpo.

Quanto à traição do marido, o perdão veio sem esforço. Entendia. Seu Orixá, Omulu, é homem, sexo com o marido obviamente não interessaria.

“Quando as coisas estão difíceis como naquele tempo, e o trabalho braçal, Omulu toma frente das minhas ações. Ele não vai deixar que eu tenha essas vontades. Sexo, hoje, pode até ser bom. Mas naquele tempo, minha filha, Deus me livre!”

Depois de idas e vindas pelos estados, Luis começou a insistir com Mãe Samizê para se mudarem. Ela já tinha um novo rim, ele queria procurar por um pedaço de terra e montar um sítio.

- Nos vivemos uma vida mais sossegada.

- Mas isso é coisa de ladrão. As minhas coisas compro e pago no dia.

Ele foi explicando, ela foi cedendo. Os filhos casaram-se todos. A cidade tornou-se muito dura e não tinha muito mais a oferecer. Então foram. Os primeiros dias castigaram o casal, como acontece com todos que fazem essa escolha. Cabanas de lona preta, sem luz, no meio de um mato que ninguém conhece bem.

Em um caminhão lotado de lembranças de um lugar que deixavam para trás, os objetos que povoariam a casa nova chegaram. Havia apenas um terreno, sem sombra do que seria a casa. Entre os pertences de Maria vieram o sofá da sala, o tapete rosa que fica no chão do quarto e o pingüim de geladeira. Aos 59 anos apostou em uma vida que, mesmo continuando, seria nova.

O primeiro dia passaram na chuva e frio ao relento. Tinham um plástico preto para se cobrir e forrar o chão. Hoje, com tudo mais claro, se lamenta por não ter tido essa oportunidade antes, com as crianças ainda pequenas. Queria muito ter criado seus filhos ali.

Ao chegar pela primeira vez na casa de Maria José, dá a impressão de que estão lá há muito tempo. Ela trabalha na casa, o marido na terra, esperando pela hora de vender a madeira do eucalipto plantado. Trata as coisas do lugar onde mora com intimidade. Como uma velha amiga, me espera com o almoço pronto e os olhos aflitos para que eu possa ouvir o que tem a dizer.

Mulher de poucos namorados, poucos amigos, alguns fiéis. Muitos irmãos um dia unidos, hoje espalhados. Convicta daquilo em que acredita, sem medo de pensar que vai acabar um dia. Apesar da certeza do pouco dinheiro, não me pareceu precisar de muito mais, não se queixa de muita coisa.

Mãe Samizê tem um sonho de cultivar também em suas terras aquilo em que tem mais amor. Quer um barracão de madeira, simples, que sirva para tocar as suas rezas. Isso completaria a mulher que quer ser. Ali no sítio sobra tempo para a saúde, para se ver de perto, para viver além de sobreviver. Só lhe falta continuar cumprindo sua parte do acordo com os santos.

No assentamento, quase uma comunidade, deixo a personagem que causa medo em alguns, respeito em outros. Que ninguém tem coragem de chamar para os cultos, sobre a qual preferem não comentar. Pena que poucos são curiosos o bastante para sentar e conversar com Mãe Samizê, ou com Maria José Camargo. Teria muito a dizer.

Ela se despede no portão, ainda garantindo que o cachorro bravo está preso. Convida para voltar sempre que quiser. Tem muitas histórias ainda para contar. De longe, olhando para trás, vi o quadro que aquela mulher forma com o lugar. A lenda que um dia vai ocupar a mãe de santo, rezadeira, que vive no meio daquele mato. A mais doce entre todas elas.

Uma vida em muitas outras

Não era a primeira vez que ela contava sobre sua vida a um estranho. Em uma tarde preguiçosa, a senhora de estrutura frágil escapava do fervor do sol debaixo de sua varanda, acompanhada apenas por vizinhos.

- Uns três anos atrás dei uma entrevista pra umas estudantes no hospital de Catanduva. Falei o que eu alembrei, conta a assentada.

Como grande parte das pessoas que enfrentaram dificuldades financeiras, a Geni Rodrigues Ribeiro de 65 anos acredita que sua história interessa porque partiu de sofrimentos.

Antes de relembrar sua trajetória no campo, a senhora de olhos caídos e nariz pontudo, agarra uma xícara, e a preenche com um café claro, assim que percebe que seu irmão se levanta.

Seu orgulho maior é que seus filhos nunca colocaram comida no próprio prato. E a proteção se estendeu ao marido. Quando os ponteiros ameaçam se cruzar no topo do relógio, Nelson encontra o almoço pronto e posto.

A atenção com os parentes também se destina aos afazeres domésticos. A cozinha larga comporta poucos e bem acomodados móveis acomodados. Um sofá de cor alaranjado fica ao lado de uma geladeira, que não funciona por falta de energia elétrica. O fogão de quatro bocas posiciona-se perto de um armário com oito maçanetas e duas gavetas: de um lado os alimentos, do outro as louças.

A fruteira apóia um filtro de barro e um pequeno vaso de flor. O dia ficava mais manso com o vento que entrava pelas portas do ambiente e o sorriso acompanhado de seu olhar sem rumo.

Na blusa roxa florida há um furo, mas Geni parece não ligar. A assentada pertence à época em que a vaidade era pecado. Sempre veste um saiote na altura do joelho e um tênis ou sapato baixo. Uma presilha prateada prende seus cabelos grisalhos e dois grampos não permitem que um só fio saia do caminho traçado pela escovação matutina. Com esforço, lembra detalhes de seus nove filhos.

Sueli morreu e deixou uma neta, Liniane, o Davanir mora em Agudos, a Roseli tem três filhos e mora em um assentamento em Matão, o Edvaldo e a Marli estão em Itajubi, o Ednaldo tem 39 anos e um filho, o Nivaldo também mora em um assentamento, o José só dá trabalho e mora em um barraco lá perto e o Gerivaldo é solteiro e ajuda muito.

Com 36 anos, José Aparecido se comporta como um jovem inconseqüente.

- Ele era casado e tem filho, mas abandonou tudo para seguir uma vida errada com mulher e bebida.

Zé costuma passar todas as refeições na casa dos pais e aproveita para deixar suas roupas sujas. O barraco em que mora possui poucos metros e é coberto por uma lona azul. Os gastos concentraram-se na compra de uma motocicleta que se tornou alvo de preocupações por parte de sua mãe.

- Mãe não agüenta, fica pensando no pior. Vou na casa dele hoje mesmo. Pausa. O que falta é vergonha na cara. Dei tanto duro, trabalhei sem fim de semana, direto, era para ele dar valor.

A culpa pelo comportamento desorientado é justificada pelos cinco quilos de nascença que podem ter afetado sua cabeça. A genitora esclarece encarando a fundo como se não permitisse contrariedades.

Depois de uns minutos em que a personagem parecia devagar sobre a educação das crianças, ela fala da saudade enquanto puxa a saia para coçar seu tornozelo.

- Na verdade, são as noras que não querem largar a cidade e vim morar na terra. Então fico na minha pra não caçar contenda.



Pela voz, Geni possui menos idade. Seu jeito delicado de pronunciar as palavras se intensifica quando o assunto envolve a Irene. O punho fecha-se e os dentes mordem os lábios quando lembra do empenho em querer a companhia da jovem.

Pouco antes de se casar, a mãe de Nelson e Irene faleceu. A adoção partiu da tragédia e Geni orgulha-se em dizer que a cunhada foi criada com muito gosto e se fez boa moça. A oportunidade de retribuir ocorreu poucos anos mais tarde. O câncer no fígado levou a filha mais velha, Sueli, com 35 anos, e deixou a neta de sete meses. Irene optou pelo casamento com o genro de Geni para manter a menina por perto. Ao concluir a história, a senhora se levanta e abraça o topo de uma vassoura, apoiando uma das bochechas no cabo e sorri levemente.

- No dia que eu faltar, vou passar minhas terras pra Irene.

Aos poucos surge a definição. O verdadeiro dono da terra é aquele que cuida, zela e, principalmente, faz produzir.

Enquanto limpa o suor no colarinho da blusa, mostra sofrimento antecipado de que Irene perca a terra ou que seu irmão Decirde fique desprotegido.

Decirde Pereira Rodrigues tem 53 anos, quase não fala, tem gestos agressivos e já fez tratamentos psicológicos.

- Foi culpa de uma chuva forte que deu no Paraná, explica arrastando seus calcanhares grossos no chão de terra.

O susto com os trovões mudou a personalidade do seu irmão quando ele tinha dezesseis anos. O menino corria da chuva entre as casas de Geni, da mãe e a do pai de Nelson, que eram todas no mesmo terreno. Ele chorava de medo e ninguém conseguia segurá-lo. Depois daquela noite, Decirde passou a dormir apenas com a ajuda de calmantes e temer que sua família fosse assassiná-lo.

- Agora ele é assim, atrapalhado.

Antes mesmo desse episódio, a ocupante há dois anos do assentamento, já alimentava seus irmãos com mamadeiras depois de buscar leite no posto.

- Me lembro deles chorando no meu vestido porque estavam com fome, e eu tinha só oito anos.

Mas o carinho por Decirde fazia-se visível quando ele pendurava nas costas dela e ficava “encavalado” o dia todo.

A dona das terras faz questão de mostrar a cômoda marrom de gavetas largas em seu quarto. Dentro dela estão as roupas de Decirde. No canto esquerdo ficam as bermudas e as calças, do lado oposto, as camisetas, e no meio as cuecas, tudo bem

dobrado. A cama veste uma colcha na cor vinho e estampas de flores, bem esticada, que comprova o gosto pela organização.

- Vó, cadê minha sandália?, questiona a neta Liniane com pressa para ir à escola.

- Atrás da porta, prontamente responde.

Na porta de um dos armários, um pôster do Edson Celulari.

- Esse homem já estava aqui quando eu comprei. Deixei porque achei bonito, mas não sei quem é, comenta.

- Vó, cadê meu livro?, interrompe mais uma vez a neta.

- Acho que você largou na mesa do quintal, responde com serenidade.

Quando casada, Geni visitava seu irmão constantemente e se sentia importante quando conseguia fazer com que ele entrasse no banho. Após diversas internações, com dezenove anos, pediu para assumir os cuidados do irmão mais novo. Decirde nunca terminou o tratamento no hospital. A mãe morria de saudade porque tinha que internar em cidades longes e o pai a visitava de carona.

Homem sério com ar de trapaceiro. Costuma usar um boné laranja com abas pretas. Seu nariz pontudo e arredondado não consegue desviar a atenção de seus olhos maliciosos. As vestimentas parecem limpas, obra de sua irmã. Por vezes, ele a interrompe com risadas sem explicações, em outras oportunidades, encara quem estiver por perto. As pernas finas contrastam com o corpo gordo e são finalizadas por sapatos sem meias.

A cada dois meses, os dois visitam um psiquiatra na cidade de Pederneiras.

- Dou remédio na mão dele e não deixo ele comer coiceira.

Geni também corta os cabelos e faz a barba do caçula.

O pai

- Nasci em Alto Alegre, mas me criei em Penápolis. A vida toda eu sempre fui o pai da família, resumidamente descreve a própria identidade.

Os pais e irmão de Geni migraram para diversos sítios durante sua infância.

Com dezenove anos, e quatro de casamento, Geni decidiu procurar moradia no Paraná para tocar roça. Seus dedos servem de apoio para a contagem: algodão, amendoim, milho, arroz e feijão.

Vinte anos mais tarde, a família fez presença em Canoinhas, situada em Santa Catarina. A senhora se assustou com a violência da cidade.

Os onze resolveram voltar para São Paulo, especificamente para Itajubi, dividindo-se entre a vida no campo e na cidade. Por dois anos, cuidaram de nove mil

pés de café, que lhes renderam dinheiro suficiente para a compra de uma casa. A conquista partiu de uma desavença com o dono das plantações. Geni se justifica.

- A gente fazia tudo certinho, mas sabe como é patrão, né? Decidimos pegar o dinheiro e comprar um canto pra morar.

Itajubi sempre será lembrada com carinho pela dona da terra. A casa continua em seu nome, mas agora é alugada. Suspirando, ela revela que Itajubi é cidade onde todos se entendem.

Um dos filhos levou de volta o casal para o campo. Gerivaldo animou sua mãe com a possibilidade de ganhar um pedaço de terra, em Pederneiras, através da cidade de Bauru. Ele me disse: mãe a senhora não gosta mesmo de terra? Então vamos tentar uma pra vocês. Eu nem acreditei.

Para Geni e Nelson a novidade apenas traria benefícios. Seis anos atrás deu infarto no pai das nove crianças.

- Na cidade a gente fica muito parado. Vamos viver bem mais aqui.

Geni está habituada com o trabalho pesado desde seus doze anos quando abanava café com a família.

- Primeiro puxa a terra pra lá e pra cá. Depois de derriçar a terra, pega as varas e puxa o café pra cair tudo no chão. Bate com uma varinha e, quando a terra está seca, rastela e faz montinhos.

Devido às tarefas do trabalho, seus pés ficavam inchados e picados por formigas. As mãos duras, cobertas por calos, relaxam com o derramamento de algumas lágrimas que escorrem lentamente em seu rosto magro e caem direto nos seus punhos. Ela reclama das horas em que ficava com as pernas no gelo e não conseguia dormir. E o relógio parecia ingrato ao marcar quatro horas e obrigar a menina a carpir mais café.

Tanto trabalho em conjunto não era gasto igualmente.

- Meu pai era muito extravagante. Ele não ligava pra nossa família, usava o dinheiro só com bagunça, Geni levanta seus óculos de armação grossa e enxuga outras lágrimas.

A mãe dava dinheiro na mão dele todos os dias. Na hora em que ele saía, fazia-se silêncio. Na verdade, todos sabiam que o pai voltaria sem um centavo. As economias ficariam com mulheres e nas mesas de jogos. Por castigo divino ou por questões fisiológicas, ele perdeu a vida com 53 anos. A mãe ainda viveu uns vinte anos mais.

Geni sentiu-se pai da família por toda a vida. Pensou nisso quando arranhou parteira para sua mãe, quando ajudou a alimentar cada um de seus irmãos, quando faz a barba de Decirde e quando engoma a roupa do Zé.

Mesmo com lembranças melancólicas da agricultura, decidiu abraçar a idéia de seu filho e tentar um terreno.

- Eu toda vida gostei da terra. Ela me deu dor na carne e alegria.

Enquanto esperam pelo sorteio do lote, as famílias acampam no matagal. Gerivaldo, o caçula de Geni, ajudou a construir uma casa de bambus revestida com plástico e coberta por uma telha de brasilite. A residência improvisada formada por apenas um cômodo abrigava cama, guarda-roupa e a cozinha, todos separados por pedaços de pano presos ao teto.

A água simbolizava o maior motivo de briga entre os acampados. Um caminhão a trazia de Pederneiras e de Bauru, mas nunca dava pra todo mundo. A escassez trouxe ensinamentos. Mesmo com a própria terra, a água de lavar roupa serve para lavar o quintal e regar as plantações.

Geni conta da época enquanto se acomoda em uma cadeira, branca de plástico, localizada no quintal dos fundos de sua casa. Poucos metros da cadeira há uma pia larga apoiada em um armário velho. O espaço agrupava o motor (que fazia funcionar um tanquinho e esquentava o chuveiro) que dividia o espaço com a caixa d'água, o varal, o saco de comidas para porcos e a gaiola com canários amarelos. Na lateral um carro Del Rey destacava-se tanto quanto o verde da bicicleta.

As famílias mais carentes esperavam o fim do expediente dos supermercados da cidade para buscar restos de comida. Gerivaldo não permitiu que sua mãe passasse apuros. Levava pão e, às vezes, até refrigerante para o acampamento.

Depois da espera, veio finalmente o sorteio. Geni revela mais uma vez seu sorriso infantil.

- Eu senti feliz, era o que eu queria.

A divisão de terras incorpora um ar de bondade em sua opinião.

- O presidente Lula luta pelos pobres porque ele também foi pobre. Ainda bem que ele dá terras. Se todos morassem na cidade não teria comida pra ninguém, empolga-se Geni levantando as sobrancelhas e me segurando com uma das mãos.

A conquista dos lotes deve ser feita pacificamente de acordo com a natural de Alto Alegre. Ela não gosta de bandeira vermelha e muito menos de briga. Em sua opinião esses são ingredientes típicos de vandalismo.

Assim que levanta, ferve o leite e faz café para o marido e irmão. A rotina segue agitada. Enche a caixa d'água, alimenta os porcos e cuida das plantas. Ainda sobra disposição para o almoço e limpeza da casa retangular.

A família dedicou-se na construção de um forno à lenha de porte médio.



- Fiquei tão feliz com o forno. No mesmo dia nós assamos uma leitoa.

No sítio da família Ribeiro tem pé de laranja, chuchu, jabuticaba, berinjela, abóbora, feijão, vassoura caipira, erva doce, abacate, castanha e mais uns outros que nem Geni se “alembra”.

- Trouxe um tomate do Paraná que faz um afogadinho muito gostoso.

A jabuticaba custou sessenta reais e o quiabo não cresceu ainda. A carobinha é remédio para o sangue, a losna serve para congestão, o alecrim ajuda no coração. A utilidade da arruda ainda não foi descoberta.

A alegria do trabalho no lote serve de compensação para a tristeza do casamento. - Eu casei por sofrimento, não era feliz com o meu pai, diz com olhar fixo no chão. Não sou feliz no casamento também, meu marido é muito ciumento, cochicha.

Nelson Ribeiro tem 70 anos e passa grande parte dos seus dias matando formiga.

Poucos anos depois de jurar amor eterno, ele a proibiu de sair e, se tivesse homem em casa, a ordem era de permanência no quarto.

- A água do banho não podia ficar nem muito quente e nem muito fria, senão ele achava que eu não tava cuidando da casa e tava procurando homem.

No dia dez de janeiro de 2010, completa-se cinqüenta anos de matrimônio. Os filhos já garantiram a festa.

Geni compara sua união com Nelson com sua ligação a terra.

-A terra me trouxe muito sofrimento, mas é dela que eu vivo e que dependo, igual é com o Nelson. Eu não jurei que tinha que ficar até a morte nos separar? Então tem que ficar. Peço a Deus para me dar paciência porque assim vou poder roer a corda até o fim e vou ser feliz, ensina mantendo os olhos fixos aos meus.

A menina de sonhos urbanos

O céu acinzentado produzia uma sensação de lentidão e aconchego. Os fios retos da chuva contrastavam com o chão desregular, agora com o acesso às casas dificultado devido à grande quantidade de poças de lama e barro. A chuva produzia um ritmo vibrante que, com um pouco de imaginação, poderia formar uma melodia.

- Todo mundo tem uma música marcante que conta de você mesmo, encara com olhos negros e amendoados que quase desprezam a importância da boca.

Quando os terrenos ficam menos abertos e os eucaliptos formam um caminho estreito e com pouca luz, encontra-se o lar de uma família amistosa. Vacas, bodes e cavalos recepcionam os convidados no quintal íngreme da entrada. Do lado esquerdo da residência, um pano preto cobre um cômodo repleto de fantasias e idéias apaixonadas. Janaina Faria Soares tem os desejos e idealizações de qualquer adolescente de quinze anos.

A música que resumia sua vida tocava com dificuldade em um celular vermelho arredondado. Prometi Não Chorar, do Sampa Crew. As estrofes retratam a saudade que se sente de um amor distante. Janaina abria a porta – ou pano – de seu quarto para compartilhar suas expectativas juvenis. Sentada no colchão mole protegido por um lençol vermelho, a moça de sobrancelhas delicadas deixava transparecer seus sonhos.

Saudosismo. Pedacos da sua história que foram deixados em cada cidade e estado em que morou. Belo Horizonte, São Paulo, Amazonas, Campinas, Pederneiras, entre outros, sempre uma novidade, sempre uma despedida.

-Sofri muito todas as vezes que meu pai mandava montar o caminhão. Sabia que não veria mais meus amigos.

As paredes de madeira revelavam os quinze anos. Um quadro de uma casa no campo parecia sério próximo aos corações de cartolina, as frases de amor ao namorado e as fotos de galãs famosos.

Janaina encostou seu corpo miúdo no pôster do ator Bruno Gagliasco e mostrou seus segredos. Suas mãos finas seguravam um caderno de capa mole e com gravura de pouca expressão. Nele, poemas e letras de músicas; algumas de sua autoria.

-Às vezes choro lendo e ouvindo as músicas que eu mais gosto. Cada uma me faz lembrar alguém especial da minha vida.

A carente canceriana revela sobre casos românticos que também foram deixados pelas aventuras de seu pai.

Suas curvas perfeitamente definidas contrapõem os gestos infantis que faz quando o assunto é garotos. Com as mãos juntas e a cabeça levemente inclinada, conta de seu primeiro caso de amor.

Com onze anos, gostou de Jonathan, três anos mais velho, que morava no sítio em que seu pai trabalhava. A pele morena da bochecha cede lugar para os tons avermelhados ao contar que os dois namoravam escondidos quase todos os dias.

A oportunidade de dizer adeus aconteceu apenas uma semana antes que a família Faria Soares abandonasse a casa. Os dois juraram nunca se esquecer e que se amariam para sempre.

-Eu não chorei. Tive vontade, mas me segurei. Não sei por que.

Mas as folhas com dezenas de „eu te amo” não foram feitas para o rapaz. Totalizam-se 32 papéis recheados de frases de amor. Metade para a moça, metade para Gedeelson, de 20 anos, seu atual namorado.

O companheiro de pele escura e corpo magro é descrito pela jovem como carinhoso, brincalhão e sincero. Os adjetivos são ditos com um sorriso tímido, com a voz quase desaparecendo.

- Nós vamos casar daqui, no máximo, quatro anos. Ano que vem, vamos juntar dinheiro, conta com o queixo pouco pontudo erguido.

Janaina olha para a janela estreita de seu quarto e parece não perceber o lindo quadro que forma com os eucaliptos. Ela engrossa o tom, talvez por conta do barulho da chuva, talvez para mostrar a seriedade do que diz.

- Quero sair daqui. Se não for com casamento, vou sozinha.

A solidão é um dos maiores motivos de desprezo ao assentamento. Solidão de quem já teve muitos amigos na cidade. Poucas meninas têm a sua idade nas casas das redondezas, e a maioria delas, é considerada violenta por Janaina. Ela conta que as jovens agrirem grupos diferentes ou brigam entre si. O pai de uma garota, Luana, orgulhava-se de ensiná-la a “enfiar a faca em qualquer um”. Há pouco tempo, ele foi assassinado em seu lote.

Muito diferente das tardes em que passava batendo perna em Campinas com Regiane de 16 anos. A melhor amiga é filha da mulher do padrinho de Janaina. Antes mesmo de começar a namorar o primo da assentada, as duas já se chamavam de prima.

A dupla conheceu o que foi o grande amor na vida de Janny. Daniel, um borracheiro de olhos escuros e um ano mais velho que as moças.

- Ele era lindo. Eu amava aquele cara. A adolescente lembra das horas em que ficava na calçada somente esperando ele passar.

O sentimento ocupava tamanha importância em sua vida, que Janny teve coragem de dizer a ele, que o achava bonito. Um dia, ele retribuiu o esforço da jovem e roubou um beijo. As carícias se repetiram por vários dias, apesar do trabalhador ter uma namorada.

Janaina encontra-se em uma dualidade quando conta a história de paixão. Ora ri ao lembrar que lançou a bola contra o borracheiro para chamar a atenção, ora dobra a barra de sua calça corsário, expressando tristeza, por não saber mais dele.

O casal se encontrava na casa de Daniel ou na sorveteria. Tudo parecia caminhar bem, até que veio a notícia de mais uma mudança. Seu pai estava atrás de um lote em um assentamento. No primeiro contato, a busca de um terreno fracassou.

- Torci muito, muito mesmo, para que dessa vez não desse certo.

Mas não adiantou. Em uma tarde, uma mulher visitou a família. O lote iria sair. Regiane contou ao amante de sua prima sobre a despedida. Assim que soube, ele correu ao encontro de nossa personagem e disse que não queria vê-la partir. Dois dias eram o que restavam para o par apaixonado.

O último encontro aconteceu na borracharia, no final do expediente. A prima foi junto, mas não pronunciou uma palavra. O formato delicado de seu rosto se estremece e o olhar fixa-se nas pulseiras de plástico coloridas.

- Sofri porque já sabia o que iria acontecer. Era um adeus.

Uma cena permanece forte em sua cabeça. Ela estava pronta para entrar no caminhão, seus pais já apressavam a família. Daniel passou dentro de um carro. Um frio no alto do estômago. Ele a encarou nos olhos, levantou uma das mãos e disse tchau sem mexer os lábios. É como se o mundo tivesse parado por uns instantes e a voz rouca de seu pai emudecesse. A imagem virou memória.

Com Gedeelson não houve amor de imediato. Janaina aprendeu a gostar do rapaz que conheceu há quatro anos na mesma cidade do borracheiro.

- Ele vem me ver todo mês. O pai dele tem um pedaço de terra aqui.

O pedido de namoro recebeu aprovação da família de Janny. Em 2010, os dois vão morar juntos, mas a moça não está contente.

- Tenho medo que ele queira ficar aqui e nunca mais a gente vá para cidade.

Nos outros dias em que a adolescente não recebe a visita do namorado, seu maior companheiro é o Duque, um Pitt Bull de olhos verdes. Quando o ônibus deixa os alunos no assentamento, a extrovertida viajante obrigatoriamente conversa com o seu cão. Se essa atenção é dispensada, Duque recusa qualquer alimento.

Meses atrás, o cachorro, de pêlo marrom e manchas brancas, se feriu após um atropelamento nas terras. Janny afirma que as dores do seu filhote se aliviaram com tanto carinho e cuidado reservados a ele.

- Quando eu for pra cidade, o Duque vai junto, Janaina o abraça.

Para ir à escola, a jovem levanta às 5h e se prepara para uma caminhada não muito longa. Sua matéria favorita é português, porque matemática “é muito enjoativa”.

Esse ano, o grêmio em que Janaina é presidente ganhou as eleições. A vitória contou com 48 votos, contra 20 das meninas da sétima série, que foram as campeãs do ano passado.

O agradecimento a confiança depositada pelos outros alunos veio através de trabalho duro. O primeiro serviço concretizou-se com a vinda de uma biblioteca. As doze meninas pediram que todos trouxessem livros de casa. Elas agruparam a literatura em seis estantes, de quatro prateleiras, localizadas em uma sala apertada.

Outro empenho ocorreu devido às mudanças de funções do colégio. Os contratos da secretaria e da faxineira venceram. A secretaria assumiu o cargo de faxineira, e a faxineira virou cozinheira. Resumo: o grêmio teve que entrar em ação mais uma vez. Por um mês, as instalações ficaram sem limpeza, mas contaram com a força de vontade de Janaina e suas amigas.

- Até hoje lavamos as salas de aula e o banheiro das meninas. O serviço da faxineira fica mais fácil assim.

Mas a iniciativa mais aplaudida foi o início dos jogos interclasses.

- A gente tem que estudar, mas também tem que se divertir, sorri com a boca cerrada.

No recreio, o grupo ainda encontra disposição para vender bolos doces. O dinheiro serve para melhorias na escola e para o xerox usado pelos professores.

Janaina pretende fazer faculdade, mas o sonho de fazer administração encontra uma barreira. Ano que vem a sua turma entra no colegial e as aulas são de noite.

- Vou ter que parar de estudar. Meu irmão Rosalvo evocou e me proibiu. O que mais dói é que não vou mais ter amigos nem na escola.

Os pais concordaram com a decisão do irmão mais velho. Janaina tentou dizer a eles que queria continuar na escola, mas a voz das mulheres daquela casa sempre é abafada pelo tom masculino. A adolescente é muda.

- Vai faltar um pedaço da minha vida.

A única esperança está no diretor. Aquele mesmo que elogiou os trabalhos executados pela presidente do grêmio. Em dezembro ocorre a reunião e todos os pais são convocados. Mas uma vez, ela torce.

A garota dos sonhos parece não querer prolongar no assunto. Logo, seu lábios largos se alongam novamente.

- Você vai querer ver o meu caderno ou não?, a frase é direta, mas a voz adocicada.

No alto de cada folha, está escrito em rosa brilhante as palavras „banda“ e „música“ que são preenchidas com a letra cheia de curvas e com bolinhas em cima dos „js“. Todas as letras de música têm uma história. Algumas engraçadas, outras que despertaram o choro.

Ironicamente, a moça que diz ter impedido as lágrimas nas despedidas, associa o seu passado com a canção Prometi não Chorar, do Sampa Crew.

- Me lembra de todo mundo que eu já amei.

O grupo Jeito Moleque escreveu Pára Tudo e marcou a história de Janny e Gedeelson. Um rap trata de um homem que morreu e foi parar no inferno. Ele só percebe o que aconteceu na última estrofe.

- Essa é bem chamativa.

Suas pernas desenhadas balançam vigorosamente quando chegamos na folha dedicada as rima de Eu Fui, do Exaltassamba. Ela aperta forte o meu pulso e pede uma especial atenção a cada palavra de melancolia.

Em comum, cada página do caderno possui frases que remetem a idéia de recordação nostálgica. Afinal, que saudade ela teria? Dos antigos romances vividos, das amigas que já não tem contato, das tardes na sorveteria e das noites em baladas? Ou seria da possibilidade de viver tudo isso mais uma vez e deixar as representações da mente um pouco de lado? Janaina coleciona sonhos e o sentimento de saudade de quem vive no campo com o coração na cidade. (Sigo pelo mundo/ andando sem rumo/ tiraram o universo e me vejo sem tudo – Sampa Crew - “Prometi não chorar”).